

# Comentário Bíblico Expositivo<sup>1</sup> em

## Rute

Edição 2023

Dr. Thomas L. Constable

### Introdução

#### TÍTULO

Este livro recebeu seu título em honra à heroína da história. Certo escritor defendeu que Noemi é a personagem principal na *trama*, Boaz é o personagem principal no *diálogo*, e Obede é o principal personagem no *propósito* do livro.<sup>2</sup> O nome Rute pode significar “amizade”, “conforto” ou “refrigério”. Ele, originalmente, parece ter sido um nome moabita e não hebraico, embora sua derivação epistemológica seja incerta.<sup>3</sup> Outro escritor sugeriu que o nome de Rute pode ser uma derivação da raiz hebraica *rwh*, que significa “ensopar, irrigar, refrescar”.<sup>4</sup> Depois que Rute entrou em Israel, e especialmente depois do Livro de Rute começar a circular, o nome se tornou popular entre os judeus e depois entre os cristãos. O mesmo título aparece em suas versões hebraica (Massorético), grega (Septuaginta), latina (Vulgata) e das línguas modernas.

#### DATA E ESCRITOR

É seguro presumir que o Livro de Rute foi organizado em sua forma final após Davi se tornar rei em Hebrom, em 1011 a.C., uma vez que Davi é reconhecido como uma figura muito importante na genealogia (4.17, 22). Quanto tempo depois é algo difícil de determinar. O Talmude Babilônico (um comentário da Bíblia Hebraica) atribuiu a escrita do livro a Samuel.<sup>5</sup> Esta afirmação reflete a tradição judaica antiga. Se Samuel, ou alguém que viveu na mesma época do profeta, escreveu o livro, a genealogia final deve ter sido acrescentada muito tempo depois – quem sabe durante o reinado de Davi ou de Salomão.

---

<sup>1</sup> Apesar de alguns dos livros citados nesta obra já terem sido traduzidos para o vernáculo, este projeto de tradução optou por traduções independentes das citações à guisa de uniformização. Os textos das referências bíblicas foram extraídos da Nova Versão Transformadora (Editora Mundo Cristão, 2017), salvo indicação específica.

<sup>2</sup> Daniel I. Bock, *Judges, Ruth*, pág. 588.

<sup>3</sup> *Ibid.*, pág. 587.

<sup>4</sup> Robert L. Hubbard, *The Book of Ruth*, pág. 94.

<sup>5</sup> *Baba Bathra*, 14b.

Os estudiosos críticos modernos tendem a preferir uma data muito posterior, com base em suas teorias em relação à data de escrita de Deuteronômio, muitos deles dizem que foi escrito durante ou após o Exílio Babilônico, e Josué até 2 Reis, que eles acreditam podem não ter sido escritos antes de Deuteronômio. Entretanto, há uma tendência entre os críticos de datarem o livro durante o período da monarquia.<sup>6</sup> A maioria dos conservadores rejeita estas teorias críticas como não tendo qualquer fundamento sólido textual ou histórico.

O escritor é desconhecido a nós, mas ele pode ter sido Samuel, um dos contemporâneos de Samuel, Davi, Salomão, ou alguma outra pessoa. Daniel Block acreditava que um residente do antigo Reino do Norte, cuja família sobreviveu à conquista e à deportação assíria um século antes, poderia tê-lo escrito.<sup>7</sup>

O Livro de Rute foi anexado ao final do Livro dos Juízes na Bíblia Hebraica. Tempos depois, os judeus colocaram Rute na terceira divisão principal do seu cânon, o *Kethubim* (Escritos).

“Na maioria das Bíblia Hebraicas, Rute aparece imediatamente após Provérbios e antes de Cântico dos Cânticos nos Escritos, a terceira seção do Tanak [Bíblia Hebraica]. Este posicionamento associa Rute com Provérbios 31, o poema a respeito da mulher virtuosa, e a Cântico dos Cânticos, no qual a mulher toma a iniciativa no relacionamento”.<sup>8</sup>

Os judeus utilizavam o Livro de Rute na liturgia da Festa das Semanas (também chamado de Pentecostes).<sup>9</sup>

O primeiro versículo de Rute situa os eventos desta história no período dos juízes de Israel. Portanto, uma autoria ou compilação comuns dos dois livros de Juízes e Rute é algo possível. O Talmude babilônico apoia esta conexão. Adições e alterações menores podem ter ocorrido, por meio da superintendência do Espírito Santo, depois da composição original de Rute. Entretanto, a estrutura e a unidade deste livro argumentam em favor dele ter sido o produto de um único escritor, ao invés de uma composição compilada por muitas mãos ao longo do tempo. Alguns poucos estudiosos sugeriram que a escritora foi uma mulher – quem sabe Noemi – uma vez que a história diz respeito a duas mulheres

---

<sup>6</sup> John Gray, *Joshua, Judges and Ruth*, pág. 366.

<sup>7</sup> Block, pág. 597.

<sup>8</sup> Tremper Longman III e Raymond B. Dillard, *An Introduction to the Old Testament*, pág. 144.

<sup>9</sup> Eugene H. Merrill, “Ruth”, em *The Old Testament Explorer*, pág. 197.

assertivas.<sup>10</sup> Entretanto, esta sugestão é apenas uma especulação, uma vez que não há dados sólidos que a fundamentem.

### ESCOPO

Uma vez que o escritor disse que o momento em que os eventos registrados no livro ocorreram durante o período em que os juízes governaram Israel (1.1), muitos estudiosos do livro concluíram que a genealogia em 4.18-22 ajuda a identificar quando Rute viveu durante estes eventos. Caso a genealogia esteja completa, então Boaz viveu durante a sétima geração depois de Perez, o filho de Judá, e Boaz, portanto, era bisavô do rei Davi. A duração da vida durante o período patriarcal por vezes era muito grande, então pode ser mais seguro calcular a partir de Davi.

Datas conservadoras para a vida de Davi são 1041-971 a.C.<sup>11</sup> Davi era o sétimo filho nascido de seu pai Jessé (1 Cr 2.12-15), que pode ter nascido há 35 anos ou mais. Boaz pode ter nascido em cerca de 1150 a.C. e seu filho, Obede, com Rute, em cerca de 1100 a.C. Uma vez que a maioria dos eventos registrados em Rute ocorreram pouco antes do nascimento de Obede, podemos concluir que estes eventos ocorreram em cerca de 1100 a.C. Isso coloria Rute vivendo em Israel durante o período de Sansão como juiz (aprox. 1105-1085 a.C.) e o ministério de Samuel (aprox. 1115-1021 a.C.).

Alguns estudiosos datam Rute como sendo contemporânea de Gideão (aprox. 1180-1140 a.C.).<sup>12</sup> Alguns fazem isso por causa de Juízes 6.3-4, que faz referência à fome durante o tempo em que Gideão julgou Israel.<sup>13</sup> Entretanto, esta escassez de alimento não foi por causa de uma fome na terra, mas por conta das invasões anuais dos midianitas. Além disso, parece provável que várias fomes assolaram Israel durante o período de aproximadamente 300 anos dos juízes. Merrill acreditava que Rute viveu ao redor de 1200 a.C.<sup>14</sup> Isto a colocaria dentro do período de Débora como juíza (aprox. 1230-1190 a.C.).

O problema com estes cálculos é que quatro genealogias também colocam Boaz como o filho de Salmom, o marido de Raabe, a meretriz (Rt 4.21; 1 Cr 2.11; Mt 1.5; Lc 3.32). Raabe era adulta quando a conquista na Terra Prometida começou (aprox. 1406 a.C.). Boaz, então, poderia ter nascido pouco tempo depois disso. Merrill datou a morte de Josué em

---

<sup>10</sup> Norman Gottwald, *The Hebrew Bible – A Socio-Literary Introduction*, pág. 555.

<sup>11</sup> Eugene H. Merrill, *Kingdom of Priests*, pág. 244; Leon J. Wood, *Distressing Days of the Judges*, pág. 254.

<sup>12</sup> P. ex.: C. F. Keil e Franz Delitzsch, *Biblical Commentary on the Old Testament: Joshua, Judges, Ruth*, pág. 466; John W. Reed, "Ruth", em *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*, pág. 416; John J. Davis, em *History of Israel*, pág. 157; Leon J. Wood, *A Survey of Israel's History*, págs. 218, 221-222; idem, *Distressing Days...*, pág. 254.

<sup>13</sup> P. ex.: Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, pág. 275.

<sup>14</sup> Merrill, "Ruth", pág. 199.

aproximadamente 1366 a.C., e Wood a colocou próxima ao ano de 1390 a.C.<sup>15</sup> Isso significaria que as três gerações – de Boaz, do seu filho Obede e do seu neto Jessé – cobriram um espaço de tempo de 360 anos (aprox. 1400-1040 a.C.). Isso parece um tanto quanto impossível.

Provavelmente estas genealogias estão incompletas e registram apenas os nomes de indivíduos de destaque na linhagem de Davi. Entretanto, algumas genealogias nas Escrituras parecem estar completas. Conseqüentemente, permanece um mistério em que momento exato do período dos juízes os eventos ocorreram.

### **PROPÓSITO**

Alguns estudiosos concluíram que o tema principal de Rute é redenção.<sup>16</sup> Enquanto o livro ilustra o conceito teológico da redenção de maneira bela, seu propósito primário parece ter sido revelar como Deus opera, com frequência, de maneira provincial, nos bastidores, fazendo com que a Sua vontade seja executada.<sup>17</sup> Dos 85 versículos contidos no livro, 23 mencionam a Deus. Destes, apenas 1.6 e 4.13, que formam parênteses do livro, são comentários do narrador. Todo o restante aparece nos discursos dos personagens. Compare Rute com o livro de Ester, que também ensina a providência divina, mas não menciona o nome de Deus uma única vez.

“Este é um dos únicos dois livros nas Escrituras que levam o nome de mulheres. As duas são Ester e Rute; e o contraste entre elas é marcante. Rute é uma jovem gentia que é levada para viver entre os hebreus e se casa com um hebreu da linhagem real de Davi. Ester é uma jovem hebreia que é levada para viver entre os gentios e se casa com um marido gentio que é rei de um grande império”.<sup>18</sup>

“A mensagem teológica de Rute pode ser resumida da seguinte forma: Deus cuida dos necessitados como Noemi e Rute; Ele é aliado delas neste mundo caótico. Ele recompensa ricamente pessoas como Rute e Boaz, que demonstram amor sacrificial e ao fazerem isso, tornam-se instrumentos na ajuda ao necessitado. As recompensas de Deus para aquele que ama

---

<sup>15</sup> Idem, *Kingdom of...*, pág. 225; Wood, *Distressing Days...*, pág. 11.

<sup>16</sup> P. ex.: Gray, pág. 374.

<sup>17</sup> Veja David M. Howard Jr., *An Introduction to the Old Testament Historical Books*, págs. 128-129, 133-134; Ronald Hals, *the Theology of the Book of Ruth*, págs. 3-19; Leon Morris, “Ruth”, em *Judges and Ruth*, pág. 242; Brevard S. Childs, *Introduction to the Old Testament as Scripture*, págs. 563-564; e Hubbard, págs. 39-42.

<sup>18</sup> J. Sidlow Baxter, *Explore the Book*, 2:28.

sacrificialmente ao próximo, por vezes, excede aquilo que pensamos e que transcende a nossa vida”.<sup>19</sup>

“A narrativa de Rute fornece um lembrete gratificante que até mesmo nos momentos mais sombrios Deus continua trabalhando no coração do seu remanescente fiel”.<sup>20</sup>

“A história de Rute ilustra a verdade de que Deus jamais ficou sem testemunho”.<sup>21</sup>

Outro propósito importante foi validar Davi como o verdadeiro (primeiro legítimo) rei de Israel (em contraste com Saul).<sup>22</sup> Referências aos ancestrais de Davi iniciam e concluem o livro. Os outros dois propósitos são: (1) “ilustrar um conceito de um parente resgatador”, e (2) “mostrar que o escopo da graça de Deus no Antigo Testamento incluía os gentios”.<sup>23</sup> Outros intérpretes enfatizaram o ensino tipológico do livro:

“Este livro me parece colocar diante de nós em tipo, a recepção em graça do remanescente de Israel nos últimos dias, o Resgatador deles (o parente, que tem o direito de resgatar) tendo tomado a causa deles em Suas mãos”.<sup>24</sup>

---

<sup>19</sup> Nota do *The NET2 Bible* em 4.22. Esta fonte é *The NET2 (New English Translation) Bible*, edição de 2019.

<sup>20</sup> Reed, pág. 416.

<sup>21</sup> G. Campbell Morgan, *An Exposition of the Whole Bible*, pág. 112.

<sup>22</sup> Merrill, “Ruth”, pág. 198; Keil e Delitzsch, pág. 466.

<sup>23</sup> Davis, pág. 157. Para outros propósitos, veja Robert B. Chisholm Jr., *A Commentary on Judges and Ruth*, pág. 567.

<sup>24</sup> J. N. Darby, *Synopsis of the Books of the Bible*, 1:434.

**ESBOÇO**

- I. O dilema de Noemi cap. 1
  - A. As mortes do marido e dos filhos de Noemi 1.1-5
  - B. A incapacidade de Noemi em prover maridos para Rute e Orfa 1.6-14
  - C. A profissão de fé de Rute em Yahweh 1.15-18
  - D. A fé fraca de Noemi 1.19-21
  - E. Esperança para o futuro 1.22
  
- II. Os planos de Noemi e Rute caps. 2-3
  - A. O plano para obter alimento cap. 2
    - 1. A orientação providencial de Deus a Rute 2.1-7
    - 2. A criada de Boaz 2.8-13
    - 3. Os privilégios e responsabilidades de Rute 2.14-16
    - 4. Rute abençoa Noemi fisicamente 2.17-23
  
  - B. O plano para obter descendentes cap. 3
    - 1. O plano de Noemi para garantir descanso para Rute 3.1-5
    - 2. O encorajamento de Rute e a resposta de Boaz 3.6-13
    - 3. O retorno de Rute à Noemi 3.14-18
  
- III. A provisão de Deus cap. 4
  - A. A decisão do parente mais próximo 4.1-6
  - B. Boaz recebe o direito de se casar com Rute 4.7-12
  - C. A provisão de Deus de um filho 4.13-17
  - D. O apêndice genealógico 4.18-22

**MENSAGEM**

O Livro de Rute é uma das mais fascinantes e importantes histórias curtas já escritas pelo homem. Como literatura, o livro é quase perfeito. O poeta alemão Goethe o chamou de “a mais bela obra completa em pequena escala” já escrita.<sup>25</sup> O crítico literário Alexander Schroder escreveu: “Nenhum poeta no mundo escreveu uma breve história tão linda quanto esta”.<sup>26</sup> O eminente arqueologista W. F. Albright escreveu: “A delicadeza da história de Rute permanece sublime; a lealdade de Rute à sua sogra, a cena entre ela e Boaz no capítulo 3 e o episódio final com Noemi (4.14-17) são tesouros da literatura mundial”.<sup>27</sup> Contudo, como revelação de Deus, o livro é igualmente impressionante.

<sup>25</sup> Morris, pág. 229.

<sup>26</sup> Citado em Keil e Delitzsch, pág. 466.

<sup>27</sup> W. F. Albright, *Archaeology and the Religion of Israel*, pág. 23.

Quero destacar algumas das revelações principais, alguns dos valores principais e algumas das lições principais deste livro. Isso nos ajudará a chegar na sua mensagem.

Creio que, dentre as inúmeras coisas que o Livro de Rute revela, quatro revelações são de significado maior:

Primeira, Rute revela a providência de Deus fornecendo um governante para o Seu povo.

Há muito tempo, Deus havia determinado fornecer um governante para o Seu povo. A primeira indicação disso nas Escrituras, é aquilo que Deus disse a Abraão acerca dos Seus planos para os descendentes do patriarca: o plano de Deus era utilizar os descendentes de Abraão para abençoar toda a humanidade (Gn 12.1-3). No processo de abençoar a humanidade, os descendentes de Abraão desfrutariam eles mesmos das bênçãos de Deus. Isso é normalmente o que acontece. Quando as pessoas são bênçãos para os outros, elas normalmente recebem bênção em troca.

Tempos depois, Deus disse a Abraão que reis viriam através dele (Gn 17.6; 35.11). Obviamente, muitos reis também vieram das linhagens de Ismael e Esaú. Entretanto, outros reis viriam através da linhagem dos descendentes de Abraão escolhidos por Deus para serem usados de maneira especial, a saber: através da posteridade de Jacó.

Quando Jacó proferiu sua bênção inspirada sobre cada um dos seus descendentes, que se tornariam os líderes das doze tribos de Israel, ele prometeu algo especial para Judá. Um grande rei viria do ramo da família de Judá (Gn 49.10). Judá manteria a liderança entre as tribos e um grande rei – que governaria não apenas Israel, mas o mundo inteiro – viria dele.

À medida que a história se desenrola, Davi se tornou o rei que Deus levantou, da tribo de Judá, para liderar o Seu povo e as nações ao redor de Israel. Saul não foi a escolha de Deus, uma vez que ele era da tribo de Benjamim, embora Deus tenha permitido que o povo colocasse Saul no trono. Davi era o Seu servo e “filho” escolhido. Davi reconheceu isso, conforme fica claro em 2 Samuel 7, 1 Crônicas 17 e Salmo 89.

Entretanto, Davi não seguiu completamente a vontade de Deus. Ele não foi inteiramente fiel a Deus. Sendo assim, mais tarde na história, Deus levantou um dos descendentes de Davi para ser o “ungido” e o cumprimento da profecia acerca do rei. Mateus escreveu seu

Evangelho para mostrar que Jesus Cristo foi o “Leão da Tribo de Judá” completamente obediente – o Messias.

Conseqüentemente, o Livro de Rute revela a providência de Deus ao prover Davi. A palavra providência refere-se a Deus dirigindo as circunstâncias da vida de forma que Sua vontade é executada (cf. Ester).<sup>28</sup>

A segunda revelação principal de Rute é a importância da fé na Pessoa, no poder e nas promessas de Deus. Muito embora Rute fosse uma moabita, uma viúva sem filhos e alguém pobre, ela foi um instrumento de Deus para realizar Seu propósito. O propósito de Deus era prover um governante para o Seu povo. Ela foi instrumento de Deus, pois confiou e se comprometeu com Yahweh (1.16-17). A fé dela, a despeito da sua condição natural, a tornou alguém útil para Deus. A fé sempre supera sua natureza como um pré-requisito para a utilidade por Deus.

Uma terceira revelação principal no Livro de Rute é a fidelidade de Deus fornecendo descanso para o Seu povo.

Deus já havia Se comprometido em fornecer descanso (segurança) para o Seu povo escolhido. No Monte Sinai Deus prometeu liderar Seu povo para fora do deserto rumo ao descanso (Ex 33.14). Moisés lembrou a geração dos israelitas que atravessou o Rio Jordão e entrou na Terra Prometida que, quando eles derrotaram os cananeus, Deus daria a eles descanso (Dt 3.19-20; 12.8-11; 25.19).

Josué também lembrou sua geração que Deus havia prometido dar a ela descanso (Js 1.13-15). Ao final da conquista, os israelitas estavam finalmente prontos para desfrutar de algum descanso (Js 21.44; 22.4; 23.1).

Infelizmente, no período dos juízes, uma vez que os israelitas se distanciaram de Deus, eles nem sempre tiveram descanso. Somente quando Deus levantava um juiz e entregava seus inimigos em suas mãos, os israelitas desfrutavam de descanso. Com frequência eles careciam de alimento, estavam em perigo e a vida das famílias sofria problemas (Jz 3.11, 30; 5.31; et al.).

Esta é a situação que descobrimos no Livro de Rute. Noemi e Rute não tinham alimento, eram vulneráveis e estavam em perigo, e suas famílias se desmantelaram. Sendo assim,

---

<sup>28</sup> Veja L. Berkhof, *Systematic Theology*, pág. 166.

não deveria nos surpreender quando lemos que Noemi desejava descanso para suas noras (1.9).

Ela e Rute fizeram um plano para obter alimento e segurança, e assim garantir certa medida de descanso (2.2). Após obter alimento e segurança por meio da generosidade de Boaz, elas buscaram o descanso pleno por meio da reconstrução da sua família (3.1).

Por fim, Rute se casou com Boaz e teve um filho que perpetuaria a família de Judá, bem como a de Boaz, Rute e Noemi (4.14-15). Boaz foi a fonte de descanso divinamente fornecida para Rute. Uma vez que Rute confiou e se comprometeu com Yahweh, Deus forneceu descanso a ela por meio de Boaz.

Rute foi a fonte de descanso divinamente fornecida para Noemi e para todo o Israel, em última instância. Ela se tornou o instrumento de bênção de Deus para sua sogra fornecendo alimento, segurança e descendentes. Além disso, ela se tornou o instrumento de bênção de Deus para todo Israel, e mesmo para o mundo inteiro, fornecendo Obede, de quem veio Davi, de quem veio o Cristo.

Rute se tornou um modelo do que Deus tencionava que Israel fosse no mundo: abençoada e uma bênção para os outros. Deus foi fiel em fazer que isso acontecesse, pois Rute exerceu fé nEle. Portanto, o descanso é a recompensa de Deus para aquele que O segue fielmente, conforme Hebreus 3 e 4 deixam claro.

Uma quarta revelação principal em Rute é a graça de Deus fornecendo redenção para o Seu povo.

Deus também se propôs a fornecer redenção (comprar a liberdade de um escravo) para o Seu povo há muito tempo. Ele realizou isso para a nação de Israel, como um todo, com as 10 pragas, no Êxodo milagroso do Egito, na travessia do Mar Vermelho e na destruição do exército do faraó no Mar Vermelho. Com estes atos Deus comprou a nação para Si mesmo.

Por meio da Lei Mosaica, Deus também fez provisão para que o israelita pudesse experimentar redenção, isto é, desfrutar da liberdade de várias condições que o escravizava. Uma dessas provisões foi a lei do parente-redentor, que permitia que um parente próximo pagasse um preço para libertar seu colega israelita da condição de escravo. Outra provisão era o casamento de levirato, que permitia que uma viúva saísse da sua condição infeliz casando-se com um cunhado solteiro. Sob circunstâncias normais,

esse homem, então, criaria os filhos que perpetuariam o nome e a linhagem do seu irmão falecido. Outra provisão foi a redenção (comprar de volta) da propriedade que saísse do controle da família. No caso de Rute, todas essas provisões para redenção se combinaram para libertá-la da sua condição indefesa.

À medida que a história progrediu, o plano de Deus para a redenção pessoal do Seu levou a Jesus Cristo, o Resgatador final (ou Parente-Resgatador), que pagou pelo preço final. Ele assim o fez para que as pessoas pudessem ficar livres da maior escravidão, a nossa escravidão do pecado.

O Livro de Rute revela a graça de Deus em fornecer um resgatador. Primeiro, Ele forneceu Boaz, para resgatar Rute e Noemi. Então, por meio de Rute, Deus forneceu Davi para libertar Israel dos seus inimigos. Por fim, através de Davi, Deus forneceu Jesus Cristo para libertar o mundo da sua escravidão do pecado. Formas variadas das palavras hebraicas traduzidas por “resgatar”, “resgatador”, “resgate” e “parente-resgatador” aparecem cerca de 20 vezes ao longo deste livro, tornando o resgate uma das suas ênfases-chave.

Deus não tinha que fornecer resgate. Ele o fez por amor vindo do Seu próprio coração. Isso é graça. Além disso, Deus fez tudo. Não há nada que uma pessoa escravizada possa fazer para obter o seu resgate, a não ser colocar sua confiança plena na pessoa do seu resgatador. Isso também é graça.

Juntando todas essas principais revelações, eu resumiria a mensagem do livro da seguinte maneira: Deus executa Seus propósitos através de instrumentos humanos. Seus propósitos incluem um governante, descanso e um resgatador. Ele realiza isso de maneira sobrenatural, soberana e providencial. Ele utiliza pessoas para isso: pessoas que confiam nEle, se dedicam a Ele e perseveram em segui-Lo fielmente.

Outro escritor declarou a mensagem do livro da seguinte forma: “O Senhor é fiel em Seu propósito de amar, superintender e providencialmente, fornecer cuidado para o Seu povo”.<sup>29</sup>

A seguir, precisamos observar três valores principais do Livro de Rute:

Historicamente, o livro junta o período patriarcal com o período monárquico da história de Israel. O livro não volta apenas para o período dos juízes, ou para a era mosaica, mas

---

<sup>29</sup> Reed, pág. 418.

volta até Perez, o patriarca (4.18-22). Isso mostra que a dinastia davídica era um cumprimento das promessas incondicionais da Aliança Abraâmica. A dinastia não repousava na Aliança Mosaica condicional.

Moralmente, o livro demonstra que a fé e a pureza são possíveis até mesmo num ambiente cultural terrível. A fé de Rute e de Boaz em Deus resultou em seu caráter moral excelente (2.1; 3.11). O poder da fé deles superou sua história passada e o ambiente em que se encontravam. Eles eram parte do remanescente piedoso em Israel naqueles dias. Isto deve fornecer esperança aos pais que têm de criar seus filhos em ambientes perversos. A pureza é possível nestas situações.

Doutrinariamente, o livro ilustra a redenção. Isso também enfatiza o caráter de Deus, particularmente o Seu trabalho providencial, o Seu amor leal e a Sua graça sem limites. Observe também essas qualidades nos Salmos.

Por fim, quais são as principais lições que devemos aprender a partir do Livro de Rute?

A primeira lição é que Deus usa pessoas que confiam nEle e que se comprometem com Ele para abençoar a outros. Também enxergamos isso no Livro de Juízes, embora a fé de vários dos juízes fosse fraca. Boaz e Rute provavelmente não viveram para testemunhar a grandeza de Davi, muito menos de Jesus Cristo. Entretanto, Deus encontrou neles pessoas que Ele poderia utilizar para produzir um Davi. A sociedade moderna é muito focada nos resultados. Queremos sucesso imediato e ficamos cada vez mais impacientes quando não vemos Deus nos usando para abençoar os outros em nossa caminhada com Ele. Precisamos nos lembrar que não veremos todos os frutos da nossa fé deste lado do céu. G. Campbell Morgan escreveu: “Você pode ser o ponto de partida de Deus para coisas que você é incapaz de imaginar”.<sup>30</sup>

A segunda lição é que Deus abençoa aquele que confia nEle e se compromete com Ele. Rute e Boaz não foram apenas bênçãos para os outros, mas Deus os abençoou pessoalmente. Eles receberam descanso da parte de Deus. A bênção de Deus a Rute veio na forma de alimento, família e segurança. A vida de Boaz foi abençoada por uma esposa amorosa e leal, de caráter impressionante e por meio de um filho que continuasse o nome da família. Não sei se ele considerava Noemi uma bênção ou não, embora eu creia que ela fosse. Certo comentarista escreveu: “Esta é a melhor história de sogra que existe e ela

---

<sup>30</sup> G. Campbell Morgan, *Living Messages of the Books of the Bible*, 1:1:144.

deveria ser contada repetidas vezes”.<sup>31</sup>

Enquanto Deus não prometeu ao cristão os mesmos tipos de bênçãos que Ele prometeu aos israelitas, Ele prometeu nos abençoar. Nossas bênçãos presentes são principalmente de ordem espiritual (perdão, paz, alegria etc.), mas receberemos tanto bênçãos espirituais como físicas no trono de Cristo, se não antes. Deus recompensará a nossa fé, assim como Ele recompensou a fé de Boaz e Rute.

A terceira lição é que as circunstâncias não fazem, nem destroem, um cristão. A fé ou a falta de fé, sim. Boaz era um homem rico que vivia num ambiente espiritualmente apóstata e moralmente corrupto. Todavia, ele superou suas tentações pela fé em Deus. Rute era uma mulher moabita pobre e extremamente vulnerável. Todavia, ela também venceu suas tentações pela fé. A partir disso aprendemos que as circunstâncias não são determinantes. Elas não controlam a nossa espiritualidade. A nossa atitude e o nosso relacionamento com Deus, sim. É por esse motivo que é tão importante para o cristão manter um relacionamento íntimo diário com o Senhor. Independentemente das circunstâncias ao nosso redor, podemos ser vencedores, como Boaz e Rute, confiando em Deus, nos comprometendo com Ele e seguindo fielmente a Ele.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Reed, pág. 417.

<sup>32</sup> Adaptado de Morgan, *Living Messages...*, 1:1:133-144.

## Exposição

### I. O DILEMA DE NOEMI CAP. 1

Como normalmente acontece com a literatura, a estrutura da porção, por vezes, revela o propósito do escritor. Este certamente é o caso do Livro de Rute. O escritor construiu o todo do livro numa estrutura quiástica (cruzada).<sup>33</sup> O ponto central do quiasmo do escritor é o plano estabelecido por Noemi e Rute para obter descanso (3.1-8).

- A Noemi encontra-se idosa demais para ter filhos (cap. 1)
- B O possível resgatador é apresentado (2.1)
- C Começa o plano de Rute e Noemi (2.2)
  - D Rute e o campo de Boaz (2.3)
  - E Boaz vem de Belém (2.4)
    - F Boaz pergunta: “Quem é aquela moça?” (2.5-7)
    - G Boaz provê alimento para Rute que leva um efa de cevada para Noemi (2.8-18)
    - H Noemi abençoa Boaz (2.19)
      - I Boaz é o primeiro em posição para resgatar (2.20)
      - J Rute se junta com os trabalhadores de Boaz (2.21-23)
      - K O plano de Rute e Noemi para obter descanso (3.1-8)
      - J’ Rute pede a proteção de Boaz (3.9)
      - I’ Rute pede a Boaz que aja como resgatador (3.9)
      - H’ Boaz abençoa a Rute (3.10)
      - G’ Boaz promete casar-se com Rute e Rute leva seis medidas de cevada para Noemi (3.11-15)
      - F’ Noemi pergunta: “Como foi?” (3.16-18)
      - E’ Boaz vai para Belém (4.1)
      - D’ Rute e um campo (4.2-12)
      - C’ Termina o plano de Rute e Noemi (4.3)
- B’ O resgatador não negou (4.14-16)
- A’ Noemi recebe um filho (4.17)

“Qual é o benefício que a definição da estrutura proporciona ao intérprete do texto? No momento em que o leitor descobre o(s) tipo(s) de estrutura(s) da narrativa, bem como o local do(s) elemento(s) definidor(es) nessa(s) estrutura(s), ele pode refletir de maneira mais precisa acerca do movimento (ou desenvolvimento) dinâmico da narrativa de um nível para o outro, e então para o seu clímax e desfecho. O tipo de análise literária oferece inúmeros benefícios práticos para o intérprete: (1) Ela reforça e acrescenta dimensões para a exegese correta. (2) Ela enfatiza a maestria do escritor, e assim a apreciação da audiência pela beleza estética do texto inspirado por Deus. (3) Ela impede que o intérprete coloque uma ênfase imprópria no que pode ser apenas incidente para o desenvolvimento da mensagem do autor. (4) Ela exalta o Senhor mostrando que

<sup>33</sup> Lief Hongisto, “Literary Structure and Theology in the Book of Ruth”, *Andrews University Seminary Studies* 23:1 (Primavera 1985):23. Veja também A. Boyd Luter e Richard O. Rigsby, “An Adjusted Symmetrical Structuring of Ruth”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 39:1 (Março 1996):15-28.

Ele é o Senhor da história. (5) Uma vez que a estrutura é descoberta e se mostra teologicamente consoante com o restante das Escrituras, ela se torna uma fonte de verdade em si mesma e acerca de si mesma. Ou seja, o leitor pode descobrir a verdade não somente através da estrutura, mas também na estrutura”.<sup>34</sup>

O versículo inicial do livro nos lembra acerca do hiato de liderança em Israel durante o Período dos Juízes, no qual o Livro de Juízes acontece (cf. Jz 17.6; 18.1; 19.1; 21.25). O versículo final revela a provisão de Deus do maior líder que Israel teve desde aquele momento: Davi. Portanto, o livro parece interessado em mostrar como Deus proveu para o Seu povo, especialmente para a sua necessidade de um líder nacional forte.

“Em contraste com o Livro de Juízes, onde a nação de Israel como um todo e a maioria dos personagens são retratados como completamente cananizados (influência dos cananitas) em seu coração, mente e ações, esta história descreve um oásis num deserto ético”.<sup>35</sup>

“O Livro de Rute é uma pérola no curral de porcos dos Juízes”.<sup>36</sup>

O próprio capítulo 1 contém uma estrutura quiástica que revela o ponto principal desta parte da história:

- A Fome (v. 1)
- B Emigração de Belém (v. 1)
- C Noemi = agradável (vv. 2-5)
- D Partindo de Moabe para Belém (vv. 6-7)
- E O discurso de Noemi (v. 8)
- F Noemi se despede de Orfa e Rute (v. 9)
- G Todas choram em alta voz (v. 9)
- H A incapacidade de Noemi de conceber filhos (vv. 11-13)
- G' Todas choram em alta voz (v. 14)
- F' Orfa se despede de Noemi (vv. 14-15)
- E' O discurso de Rute (vv. 16-18)
- D' Entrando em Belém vindas de Moabe (v. 19)
- C' Noemi = agradável (vv. 20-21)
- B' Imigração para Belém (v. 22)
- A Colheita de cevada (v. 22)

Conforme evidente pelo diagrama acima, o capítulo inteiro está centrado no fato de que Noemi era idosa demais para conceber filhos.<sup>37</sup>

<sup>34</sup> Reg Grant, “Literary Structure in the Book of Ruth, *Bibliotheca Sacra* 148:592 (Outubro-Dezembro 1991):440.

<sup>35</sup> Block, pág. 614.

<sup>36</sup> J. Vernon McGee, *Ruth: The Romance of Redemption*, pág. 20.

<sup>37</sup> Hongisto, pág. 22.

**A. As mortes do marido e dos filhos de Noemi 1.1-5**

“...o primeiro versículo de Rute sugere que o livro foi escrito depois da época dos juízes”.<sup>38</sup>

Deus havia prometido aos israelitas que se eles O abandonassem, Ele os disciplinaria enviando fome para a Terra Prometida (Dt 28.18, 23, 38-40, 42).<sup>39</sup> Sendo assim, a fome em Israel, neste momento, pode indicar o juízo de Deus pela infidelidade da nação.

“Entretanto, o narrador não atribui esta fome a Deus. Além disso, o Antigo Testamento, por vezes, apresenta a fome sob uma luz neutra, não necessariamente como uma punição vinda de Deus (cf. Gn 12.10; 26.1; 41.27). Devemos observar, também, que não há referências no Livro de Juízes à fome; esta não é uma das formas de juízo divino retratadas naquele livro..”.<sup>40</sup>

Assim como Abrão migrou para o Egito como resultado de uma fome em seus dias (Gn 12.10), assim Elimeleque migrou para Moabe para obter alimento para a sua família. Compare também a migração de Ló em Gênesis 13.1-13. Há inúmeros temas apresentados nas narrativas patriarcais em Gênesis que reaparecem em Rute.<sup>41</sup> Esta repetição parece indicar que um dos propósitos do escritor era apresentar Rute como outra matriarca de Israel que, a despeito das inúmeras barreiras, forneceu líderes importantes para a nação, pela graça de Deus.

“A história nunca é agradável quando um membro da semente escolhida deixa a Terra Prometida e vai para um país distante. Não faz qualquer diferença se é Abraão indo para o Egito para escapar da fome, ou o filho pródigo indo para um país distante para encarar ali uma fome; os resultados são negativos e o final é trágico. Elimeleque não deveria ter ido para a terra de Moabe, independentemente das condições na Terra Prometida”.<sup>42</sup>

Por outro lado, Jacó recebeu uma revelação especial de Deus o orientando a migrar da Terra Prometida para o Egito (Gn 46.1-4).

“Eles [esta ‘família pródiga’] deixa a casa do pão [‘Belém’] e a casa de louvor [‘Judá’] e vai para um lugar se alimentar da lata de lixo [i.e., Moabe; ‘Moabe é a pia em que me lavo’, Sl 108.9, NVI]”.<sup>43</sup>

Outra visão é que, uma vez que o escritor não chamou atenção para a fome, para as migrações de Elimeleque, Malom e Quiliom, nem para a morte deles – ele não tencionava que o leitor prestasse muita atenção a estes detalhes. Ele tencionou apenas apresentá-las como contexto para a história de Rute.<sup>44</sup>

<sup>38</sup> *The Nelson Study Bible*, pág. 441.

<sup>39</sup> Veja George M. Harton, “Fulfillment of Deuteronomy 28-30 in History and in Eschatology” (Dissertação de Th. D., Dallas Theological Seminary, 1981).

<sup>40</sup> Chisholm, pág. 592.

<sup>41</sup> Veja Hubbard, págs. 39-41.

<sup>42</sup> McGee, pág. 48.

<sup>43</sup> Idem, *Thru the Bible with J. Vernon McGee*, 2:90.

<sup>44</sup> Frederic W. Bush, *Ruth, Esther*, pág. 67; Chisholm, pág. 599.

De acordo com os registros bíblicos, as fomes, normalmente, avançavam os planos de Deus para o Seu povo, a despeito das aparências trágicas (cf. Gn 12.10; 26.1; 41-50; Ex 1-20).<sup>45</sup> O capítulo inicia com uma fome, mas termina com uma colheita (v. 22). Semelhantemente ao livro inteiro, este inicia com uma situação ruim, mas termina com uma situação boa. Deus está agindo, nos bastidores e a despeito das circunstâncias, abençoando o Seu povo em momentos e eventos que este livro narra. A restauração da semente (alimento, marido, resgatador e herdeiro) é um dos principais intuitos em Rute.<sup>46</sup>

O fato de que Elimeleque (lit. “Meu Deus é Rei”, ou “Deus é Rei” – um tema do livro) era de Belém (lit. “Casa de pão”, i.e., celeiro) é significativo. Depois de algum tempo, Noemi e Rute retornam para a terra natal de Elimeleque e perpetuam sua linhagem, o que resultou no nascimento de Davi. Ironicamente, não havia pão na Casa de Pão quando Elimeleque e sua família deixaram Belém por causa da fome.

Elimeleque é um nome teofórico: nome que combina um nome de divindade com algo mais. Os pais de Elimeleque podem ter dado este nome na esperança de que ele reconhecesse a Deus como seu rei. Qualquer que seja o motivo, os pais de Elimeleque parecem ter sido israelitas que temiam ao Senhor, uma vez que durante o período dos juízes a maioria dos israelitas não reconhecia Yahweh como seu rei de qualquer maneira prática, mas fazia o que era certo aos seus próprios olhos.

Duas histórias formam o apêndice do Livro dos Juízes. A primeira destas histórias é do neto de Moisés, Jônatas, que deixou Belém para conduzir os da tribo de Dã à idolatria (Jz 17-18). A segunda é a concubina de Belém, que se tornou o centro de discórdia em Israel, que resultou em guerra civil e quase na eliminação da tribo de Benjamim (Jz 19-21). Ambos os incidentes, provavelmente, ocorreram na primeira parte do período dos juízes. O Livro de Rute também destaca Belém. Deus pode ter nos dado todas estas três histórias como um palco, uma trilogia, pois o rei Davi também viria de Belém.

Nas duas histórias de Juízes mencionadas acima, podemos ver que os israelitas teriam desprezado Belém depois destes incidentes e os habitantes de Belém podem ter sentido vergonha da sua cidade. Entretanto, Rute revela como Deus trouxe grande bênção a Israel a partir de Belém – na pessoa de Davi. Isso se harmoniza com a escolha frequente de Deus em trazer bênção daquelas coisas que as pessoas nem sempre valorizam muito.

Portanto, nos dias de Rute, Belém não tinha uma boa reputação. Sendo assim, não foi o ambiente em que Davi cresceu que fez dele alguém grande, mas sim o seu relacionamento com o seu Deus. Aprendemos, em Rute, que este relacionamento foi uma herança passada a ele por seus ancestrais, os piedosos Boaz e Rute – talvez até pelos pais de Elimeleque.<sup>47</sup>

A associação incomum de Efrata com Belém (v. 2) recorda o primeiro uso de ambos os nomes descrevendo a mesma cidade, chamada de Efrata em Gênesis 35.16-19. Foi ali que Raquel morreu dando à luz Benjamim.

“Será que este incidente no qual Benjamim é a ocasião de morte da esposa favorita do patriarca em Belém antecipou, de alguma forma, a controvérsia Saul-Davi na qual o benjamita

<sup>45</sup> Hubbard, pág. 85.

<sup>46</sup> Veja Barbara Green, “The Plot of the Biblical Story of Ruth”, *Journal for the Study of the Old Testament* 23 (Julho 1982):55-68.

<sup>47</sup> Para um estudo mais aprofundado acerca da “Trilogia de Belém”, veja Merrill, *Kingdom of...*, págs. 178-188; ou idem, “The Book of Ruth: Narration and Shared Themes”, *Bibliotheca Sacra* 142:566 (Abril-Junho 1985):131-133.

se prova novamente antagônico a qualquer pessoa que tenha associações com Belém?”<sup>48</sup>

“...é melhor entender *efrateu* como o nome de um clã. Se este clã descendeu de Calebe [o que parece possível, uma vez que Calebe se estabeleceu próximo ao local], o autor pode ter identificado esta família como de efrateus para retratá-la como uma família aristocrata – uma das ‘primeiras famílias de Belém’.<sup>49</sup> Desta forma, ele ressaltou a humilhante tragédia envolvida: os Vanderbilts<sup>50</sup> se tornaram subitamente meeiros pobres. Pior ainda, ele inteligentemente proibiu qualquer esperança de uma visita temporária”.<sup>51</sup>

Efrata era, provavelmente, também o nome de um acampamento mais antigo, que ou ficava próximo a Belém, ou se tornou Belém depois (cf. Gn 48.7). Alguns estudiosos acreditam que era o nome do distrito no qual Belém ficava.<sup>52</sup> Ou o nome pode refletir que os eframitas se estabeleceram ali.<sup>53</sup> Isso me parece menos provável. A maneira incomum de descrever Belém aponta para conexões com Davi, que se tornam claras ao final do livro (4.22), uma vez que esta é a forma que Belém se tornou conhecida após a aparição de Davi (“Belém de Efrata” ou “efrateu de Belém”; cf. 1 Sm 17.12).<sup>54</sup>

Também é algo incomum na sociedade patriarcal o escritor ter descrito Elimeleque como marido de Noemi (v. 3). Isso coloca Noemi à frente, como a mais importante entre as duas pessoas. A morte de Elimeleque pode ter sido uma punição por abandonar a terra ao invés de confiar em Deus (cf. Lv 26.38), embora o texto não afirme isso. Alguns acham que Malom e Quiliom tiveram vidas mais curtas do que o normal por terem se casado com mulheres estrangeiras.<sup>55</sup> O homem israelita se casar com uma moabita não era algo contrário à Lei Mosaica (Dt 7.1-3), mas elas não deveriam ser levadas à congregação de Israel para adoração pública no santuário central (Dt 23.3-4).

Os nomes incomuns tanto de Malom (lit. “franzino”) quanto de Quiliom (lit. “definhado”) parecem ter estado conectados com as circunstâncias de seus nascimentos. Malom pode ter tido aparência franzina quando nasceu e Quiliom provavelmente parecia uma criança cuja sobrevivência era questionável em seu nascimento (definhado). McGee chamou o nome de Noemi de “luz do sol feliz”.<sup>56</sup>

#### **B. A INCAPACIDADE DE NOEMI EM PROVER MARIDOS PARA RUTE E ORFA 1.6-14**

Deus removeu a fome de Judá (v. 6), provavelmente em resposta ao clamor do Seu povo pedindo por livramento (cf. Jz 3.9, 15; 4.3; 6.6; 10.10; 16.28). Este versículo proclama um dos principais temas da história: a graciosa intervenção de Yahweh.<sup>57</sup>

<sup>48</sup> Merrill, “The Book...”, pág. 133.

<sup>49</sup> Veja W. Fuerst, *The Books of Ruth, Esther, Ecclesiastes, the Song of Songs, Lamentations*, pág. 10; Morris, pág. 249; e A. Berlin, *Poetics and Interpretation of Biblical Narrative*, pág. 103.

<sup>50</sup> Nota do tradutor: o contraste proposto pelo autor citado faz sentido em português com a informação complementar de que a família Vanderbilt foi considerada a família mais rica dos Estados Unidos da América entre os Séculos XIX e XX.

<sup>51</sup> Hubbard, pág. 91.

<sup>52</sup> P. ex.: Charles, F. Pfeiffer, “Ruth”, em *The Wycliffe Bible Commentary*, pág. 272.

<sup>53</sup> P. ex.: F. B. Huey Jr., “Ruth”, em *Deuteronomy-2Samuel*, volume 3 do *The Expositor’s Bible Commentary*, pág. 519.

<sup>54</sup> Bush, pág. 67.

<sup>55</sup> P. ex.: Henry, pág. 275.

<sup>56</sup> McGee, *Thru the...*, 2:90.

<sup>57</sup> K. Sacon, “The Book of Ruth – Its Literary Structure and Themes”, *Annual of the Japanese Biblical Institute* 4 (1978):5.

“Temos aqui um tema central na Bíblia: toda a vida está diretamente ligada à mão de Deus. Nos concentrarmos, primariamente, em causas secundárias pode nos encorajar a buscarmos sermos manipuladores do sistema. É o fato de nos concentrarmos na Grande Causa que nos ensina a viver pela fé”.<sup>58</sup>

As palavras de Noemi às suas noras são muito importantes. Dos 85 versículos do livro, 56 são diálogos, indicando que o diálogo é uma das técnicas literárias principais do escritor.<sup>59</sup> Histórias repletas de diálogo tornam a leitura interessante.

Em primeiro lugar, Noemi pediu que Orfa e Rute mantivessem os mais fortes laços terrenos retornando para as casas das mães delas (v. 8). O termo hebraico traduzido por “voltem”, em suas várias formas, é uma palavra-chave em Rute (p. ex.: 1.6, 7, 8, 10, 15, 16, 22 [duas vezes]; 2.6; 4.3). Rute é uma história de volta à Terra Prometida, de volta à bênção e, primariamente, de volta para o Senhor. Noemi acreditou, erradamente, que havia mais esperança para suas noras ficando em Moabe do que indo com ela para o povo escolhido de Deus e sua terra.

“Noemi deveria ter dito a elas o que Moisés disse ao seu sogro: ‘Venha conosco e o trataremos bem, pois o SENHOR prometeu boas coisas a Israel!’ (Nm 10.29)”.<sup>60</sup>

“Posso estar errado, mas tenho a impressão de que Noemi não quis levar Orfa e Rute para Belém, pois elas seriam provas vivas de que ela e Elimeleque permitiram que seus dois filhos se casassem com mulheres de fora da nação da aliança. Em outras palavras, Noemi estava tentando encobrir sua desobediência”.<sup>61</sup>

“... a expressão ‘casas de suas mães’ ocorre em contextos que tem a ver com amor e casamento. Sendo assim, parece provável que aqui, Noemi fez referência a algum costume de acordo com o qual ‘casa da mãe’ – provavelmente o quarto dela, e não uma construção separada – fosse o lugar onde os casamentos eram arrumados”.<sup>62</sup>

Em segundo lugar, Noemi orou para que Yahweh recompensasse o amor leal (hb. *hesed*) para com Rute e Orfa – uma vez que elas demonstraram amor leal para com seus maridos e para com Noemi (v. 8). “Leal” e “lealdade” (NVI, hb. *hesed*) também são palavras-chave em Rute (cf. 2.20; 3.10).

“Aqui brota uma suposição teológica do livro: a ligação íntima entre a ação humana e a ação divina. Neste caso, a bondade humana rendeu a possibilidade (até mesmo a probabilidade) de uma recompensa dada por Deus”.<sup>63</sup>

<sup>58</sup> David Atkinson, *The Message of Ruth*, págs. 40-41.

<sup>59</sup> Hubbard, págs. 100-101.

<sup>60</sup> Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary/History*, pág. 181.

<sup>61</sup> *Ibid.*, itálico omitido.

<sup>62</sup> Hubbard, págs. 102-103. Cf. E. F. Campbell Jr., *Ruth*, págs. 64-65; Huey, pág. 521.

<sup>63</sup> Hubbard, pág. 104.

Em terceiro lugar, Noemi desejou um lugar de “segurança” (hb. *menuhah*) para suas noras, na casa dos seus próximos maridos (v. 9). A segurança é uma das grandes bênçãos que Deus prometeu aos israelitas, à medida que antecipavam a entrada na Terra Prometida (Ex 33.14; Dt 3.20; 12.9-10; 25.19; Js 1.13, 15; 21.44; 22.4; 23.1; cf. Gn 49.15; Ex 16.23; 31.15; 35.2; Lv 16.31; 23.3, 32; 25.4-5; Sl 95.11; Hb 3.11, 18). O termo faz referência à segurança, que neste caso, o casamento proveria para Rute (lit. “amizade”) e Orfa (lit. “pescoço”), ao invés de liberdade do trabalho. Os pais de Rute, provavelmente, deram a ela esse nome na esperança que ela demonstrasse amizade, o que ela fez de forma admirável. É possível que os pais de Orfa achassem que ela tinha um pescoço atraente ou gracioso. Ironicamente, alguns dos rabinos posteriormente, se referiam a ela como “aquela do pescoço virado”, uma vez que ela se voltou para Moabe (cf. a esposa de Ló).

Depois que as duas noras se recusaram a deixar sua sogra (v. 10), que no caso de Orfa foi apenas uma recusa educada, ao passo que no caso de Rute foi uma recusa genuína, Noemi as incentivou mais uma vez a retornarem (v. 11). À esta altura, Noemi explicou porque ela estava insistindo no retorno delas: Ela era idosa demais para se casar novamente, ter filhos e, então, esperar mais uns 20 anos para que eles crescessem e se casassem com Orfa e Rute e assim, suscitassem descendentes que perpetuassem suas famílias.

O casamento do levirato era a prática de um irmão solteiro se casando com a viúva do seu irmão, para ter filhos que pudessem continuar o nome do irmão morto e aumentassem o ramo da árvore genealógica da família. Esta era comum em todo o Oriente Próximo antigo e em Israel (cf. Gn 38.8-10; Dt 25.5-10).<sup>64</sup> A palavra “levir” é o latim para cunhado. Noemi se sentiu idosa demais para se casar novamente e ter filhos que pudessem prover um amor leal e segurança para Rute e Orfa. Será que ela se esqueceu do que Deus fez por Sara permitindo que ela tivesse um filho aos 90 anos de idade? Consequentemente, Noemi sugeriu que suas noras voltassem para suas casas e iniciassem uma vida matrimonial com novos maridos moabitas. Evidentemente, ela não considerava a possibilidade que o próprio Deus poderia fornecer maridos para elas, caso elas procurassem refúgio nEle em Israel. Ela não estava apresentando o Deus de Israel de uma maneira positiva ou mesmo demonstrando muita fé nEle.

Foi mais difícil para Noemi do que para Rute e Orfa (v. 13), pois, enquanto as noras tinham esperança de um novo casamento e de filhos, Noemi não – considerando sua idade avançada. Amargamente, ela considerou sua situação como um juízo de Deus (v. 13; cf. Gn 30.1-2; 42.36).

Noemi estava amarga ao invés de estar quebrantada. De fato, a situação de vida dela era o resultado das decisões que ela, Elimeleque e seus filhos fizeram quando escolheram deixar a Terra Prometida. Ela não percebeu que Deus ainda lhe abençoaria graciosamente com um descendente através de Boaz. Boaz teria um filho, que continuaria o nome e a linhagem do marido falecido de Rute e do marido falecido de Noemi – e de quem viria o rei Davi e o Rei Jesus, o Messias!

“Rute e Orfa demonstram os dois tipos de membros na igreja – aqueles que apenas professam e aqueles que possuem fé. Orfa fez apenas uma profissão de fé e falhou no momento mais importante; Rute possuía fé genuína, que produziu frutos e obras”.<sup>65</sup>

<sup>64</sup> Veja *The New Bible Dictionary*, s. v. “Marriage”, por J. S. Wright e J. A. Thompson, págs. 786-791; Dale W. Manor, “A Brief History of Levirate Marriage As It Relates to the Bible”, *Near East Archaeological Society Bulletin* NS20 (Outono 1982):33-52; Donald A. Leggett, *The Levirate and Goel Institutions in the Old Testament with Special Attention to the Book of Ruth*, e Atkinson, págs. 86-98.

<sup>65</sup> McGee, *Ruth: The Romance...*, pág. 61.

Rute ficou com Noemi, ao passo que Orfa simplesmente se despediu. O termo hebraico traduzido por “se apegou” (v. 14) é *dabaq*, que em outros lugares é uma referência à proximidade ideal que pode ser experimentada num relacionamento de casamento (cf. Gn 2.24).<sup>66</sup> Consequentemente, Rute escolheu ficar com sua sogra como um marido ficaria próximo de sua esposa (cf. Tg 1.27).

“É um erro fazer do propósito de ter um herdeiro para o chefe de família falecido o propósito exclusivo de cada uma das protagonistas em todo momento e assim se esquecer da preocupação válida e legítima destas mulheres em encontrar para si mesmas a segurança [descanso] do lar e de um marido – a única identidade que o mundo patriarcal delas lhes daria”.<sup>67</sup>

### **C. A PROFISSÃO DE FÉ DE RUTE EM YAHWEH 1.15-18**

Rute concluiu que as possibilidades de amor leal e de segurança (vv. 8-9) eram melhores caso ela se identificasse com Israel do que se ela continuasse se identificando com Moabe. Ela começou a admirar o Deus de Israel, a despeito da atual falta de fé de Noemi e do pessimismo dela. Elimeleque e sua família haviam cumprido o propósito de Deus para o Seu povo enquanto viviam em Moabe. Eles representaram tanto a Yahweh que Rute sentiu-se atraída a Ele, e agora, diante de uma decisão que envolvia lealdade, ela escolheu confiar e obedecer a Yahweh ao invés dos deuses de Moabe. Ironicamente, Rute, a moabita, exerceu fé, enquanto Noemi, a israelita, demonstrou pequena fé e, ao contrário do que deveria, vivia por vista. Rute confiou em Deus e obedeceu a Aliança Mosaica, mas Noemi não.<sup>68</sup>

Rute era uma descendente de Ló, que escolheu deixar a Terra Prometida porque achou que poderia se sair melhor em outro lugar (Gn 13.11-12). Rute agora reverteu a escolha do seu ancestral e escolheu se identificar com as promessas de Yahweh, que se centravam na Terra Prometida.<sup>69</sup> O não israelita, normalmente, acreditava que uma divindade tinha poder apenas no local ocupado por seus adoradores. Portanto, deixar a terra de alguém (v. 15) significaria se separar do deus dessa pessoa.<sup>70</sup>

O lugar do túmulo de uma pessoa na vida do Oriente Próximo antigo era muito significativo (cf. Gn 23; 25.9-10; 50.1-14, 24-25; Js 24.32). Ele identificava o local que a pessoa considerava ser seu lar verdadeiro. Sendo assim, quando Rute disse que queria morrer e ser sepultada onde Noemi morresse e fosse sepultada (v. 17), ela estava verbalizando seu forte compromisso para com o povo, com a terra e com o Deus de Noemi (cf. Lc 14.33). A vida de Noemi, provavelmente, influenciou Rute a confiar no Deus de Noemi, a despeito do pessimismo de Noemi. O nome para Deus no versículo 20, “o Todo-poderoso” (hb. *sadday*, transliterado “Shaddai”), foi o título que Deus utilizou para Se revelar aos patriarcas em Gênesis (Gn 17.1; 28.3; 35.11; 43.14; 48.3; 49.25; cf. Ex 6.3).

“Significativamente, embora a fórmula de voto normalmente usasse Elohim, Rute invocou o nome pessoal e de aliança *Yahweh* – a única vez, no livro, que ela faz isso. Uma vez que

<sup>66</sup> Huey, pág. 522.

<sup>67</sup> Bush, pág. 97.

<sup>68</sup> Veja Charles P. Baylis, “Naomi in the Book in Light of the Mosaic Covenant”, *Bibliotheca Sacra* 161:644 (Outubro-Dezembro 2004):413-431.

<sup>69</sup> Veja Harold Fisch, “Ruth and the Structure of Covenant History”, *Vetus Testamentum* 32:4 (1982):427.

<sup>70</sup> Huey, pág. 523.

alguém apela para a identidade da sua própria divindade para reforçar um voto, ela claramente sugere que Yahweh, e não Quemós, é agora o seu Deus, o protetor do futuro dela. Assim sendo, enquanto o AT não possui uma ideia plenamente desenvolvida de conversão, os vv. 16-17 sugerem um compromisso equivalente com tal mudança. Como resultado, é de se esperar que a história a seguir revele alguma recompensa de Yahweh por esta devoção notável...

...O passo de fé de Rute superou o de Abraão. Ela agiu sem qualquer promessa em mãos, sem uma bênção divina pronunciada sobre ela, sem marido, sem posses, ou qualquer cortejo de apoio. Ela desistiu de se casar com um homem para se dedicar a uma idosa – num mundo dominado pelos homens! De forma temática, esta alusão a Abraão prepara esta história em continuidade com aquela. Consequentemente, uma sensação de destino semelhante paira sobre a história de Rute. O leitor se pergunta: ‘será que um plano maior resultará desta história também?’<sup>71</sup>

“Não há uma escolha mais radical em todas as memórias de Israel”.<sup>72</sup>

Deus sempre recebeu não israelitas para a comunidade da aliança dos descendentes crentes de Abraão. Até mesmo nos dias de Abraão, seus servos não hebreus que acreditaram, passaram pela circuncisão como um sinal de sua participação na Aliança Abraâmica (Gn 17). No Sinai, Deus explicou novamente que os israelitas, como sacerdotes, deveriam levar outras pessoas a Deus (Ex 19.5-6). Rute, agora, confessou seu compromisso com Yahweh, Israel e Noemi – compromisso baseado em sua fé em Yahweh.<sup>73</sup>

Os vv. 15-18 são chave para o livro, pois eles revelam porque Deus abençoou Rute como Ele fez.

#### **D. A FÉ FRACA DE NOEMI 1.19-21**

Desde que deixou Belém, Noemi experimentou tanto bênção quanto perda. Quando ela voltou para casa, ela escolheu, novamente, enfatizar suas dificuldades: “o Todo-Poderoso trouxe calamidades sobre mim” (v. 21). Ela se esqueceu da fidelidade de Deus e de Suas promessas de abençoar todo Israel (Gn 12.1-3, 7), a tribo dela em particular (Gn 49.8-12) e todos os piedosos em Israel (Dt 5.7-10). Mas o fato de estar de mãos vazias (v. 21) era apenas temporário. O pessimismo dela à esta altura se contrasta com o otimismo de Rute (vv. 16-18).

A fé de Rute era forte (vv. 19-21), mas a de Noemi era fraca (vv. 16-18). Consequentemente, Rute era otimista enquanto Noemi era pessimista. Se alguém espera o pior, essa pessoa pode não esperar que Deus seja fiel às Suas promessas de abençoar. O pensamento negativo não honra a Deus. Isso revela falta de fé. Isto é algo que muitos cristãos precisam melhorar. Muitas pessoas cresceram em ambientes negativos e precisam aprender a enxergar a vida através das lentes da fé nas promessas de Deus.

“Em Israel, nomes não eram apenas rótulos acerca da individualidade, mas descrições do caráter interno que, por sua vez, eram considerados influentes na conduta da pessoa.

<sup>71</sup> Hubbard, págs. 120-121.

<sup>72</sup> P. Tribble, “Two Women in a Man’s World: A Reading of the Book of Ruth”, *Soundings* 59 (1976):258.

<sup>73</sup> Veja Thomas L. Constable, “A Theology of Joshua, Judges, and Ruth”, em *A Biblical Theology of the Old Testament*, pág. 110.

...Lembre-se de Jacó ('usurpador'; Gn 27.36); Nabal ('tolo'; 1 Sm 25.25); Jesus ('Salvador'; Mt 1.21). Semelhantemente, receber um nome novo significava uma mudança no caráter e no destino (i.e., Abraão para Abraão, Gn 17.5-8; Jacó para Israel, Gn 32.28; Simão para Pedro, Mt 16.17-18; Saulo para Paulo, At 13.9)".<sup>74</sup>

O nome Noemi significa "agradável". Seus pais devem ter dado este nome característico, na esperança que ela se tornasse agradável aos olhos de Deus. O nome Mara significa "amarga". Noemi não se considerava mais como agradável, mas amarga, como resultado do que aconteceu consigo. Uma das características mais impressionantes do Livro de Rute é que todo nome próprio que aparece nele, e mesmo a ausência de um nome próprio (4.1), é significativo.

Frederic Bush enxergava a fé de Noemi (sua atitude para com Deus) de forma diferente:

"Noemi aqui não evidencia pequena fé; pelo contrário, com a liberdade de uma fé que atribui soberania plena a Deus, ela leva Deus tão a sério que, com Jó e Jeremias (e até mesmo Abraão, em Gn 15.2), ela verbaliza de maneira resoluta e clara sua queixa. Com este exemplo robusto de honestidade e sinceridade acerca da 'teologia da reclamação' do AT, o escritor retrata em cores sombrias e expressivas a desolação, o desespero e o vazio da vida de uma mulher 'sozinha, sem os dois filhos e sem o marido' (v. 5), em um mundo onde a vida dependia dos homens".<sup>75</sup>

O escritor bíblico enfatizou a vulnerabilidade de Noemi e de Rute dando proeminência às mulheres no capítulo 1. Não há homens para prover e protegê-las na situação em que se encontram. As mulheres são as protagonistas deste capítulo, incluindo as mulheres de Belém, que falam pela cidade (v. 19). Noemi fracassou em ver que Yahweh não a trouxe de mãos vazias para Belém (v. 21). Ela parece ter se esquecido que Rute, que se comprometeu a cuidar de Noemi enquanto ela vivesse, havia voltado com ela (v. 22). Rute era, e ainda provaria ser, uma tremenda bênção vinda do SENHOR para Noemi. No momento, Noemi considerava Rute insignificante, mas as mulheres de Belém depois corrigiram sua visão falha acerca do valor de Rute (4.15).

#### **E. ESPERANÇA PARA O FUTURO 1.22**

Esta sentença conclusiva não apenas conclui o capítulo 1, mas também prepara o leitor para as cenas seguintes da história. Noemi havia deixado Belém como alguém agradável (hb. *na'em*), mas retornou amarga (v. 20). Ela partiu de Belém com Elimeleque, uma fonte de bênção em sua vida, mas retornou com Rute, que se tornaria outra fonte de bênção para ela. Ela havia deixado Belém numa ocasião de fome, mas retornou a Belém (lit. "casa de pão") no começo da colheita de cevada, que começava em Abril em Israel.<sup>76</sup>

Ao longo do livro, o escritor frequentemente faz referência a Rute como "Rute, a moabita" (1.22; 2.2, 6, 21; 4.5, 10). Esta é uma forma dele chamar atenção para o fato de que Deus utiliza até não israelitas, de uma nação inimiga, para trazer bênção a Israel. A chave para Rute ser esta fonte de bênção aparece no primeiro capítulo: Trata-se da sua fé em Yahweh e do seu compromisso para com o povo de Deus (1.15-18). Ao longo da história

<sup>74</sup> Hubbard, pág. 124, e n. 19.

<sup>75</sup> Bush, págs. 95-96.

<sup>76</sup> Keil e Delitzsch, pág. 476; Davis, pág. 162.

humana, esta tem sido sempre a chave para Deus usar pessoas como Seus canais de bênção. Ser bênção não se deve à origem ou à história de vida.

Warren Wiersbe viu três erros comuns que as pessoas cometem neste capítulo: tentar fugir dos nossos problemas (vv. 1-5), tentar esconder nossos erros (vv. 6-18) e culpar Deus por nossas provações (vv. 19-22).<sup>77</sup>

## **II. OS PLANOS DE NOEMI E RUTE CAPS. 2-3**

O capítulo 1 prepara o cenário para os capítulos 2-4, que constituem o cerne do livro. O capítulo 1 apresenta um problema, mas os capítulos 2-4 fornecem a solução. A chave para a solução, em nível humano, foi o plano feito por Noemi e Rute.

Na realidade, temos dois planos, um para obter alimento, a necessidade física imediata das duas mulheres (cap. 2) e outro para obter um herdeiro homem, a necessidade a longo prazo relacionada à aliança da família estendida da mulher (3.1-4.17).

### **A. O PLANO PARA OBTER ALIMENTO CAP. 2**

O capítulo 2 possui a sua própria estrutura quiástica:<sup>78</sup>

- A Rute e Noemi (2.2-3)
- B Boaz e os ceifeiros (2.4-7)
- C Boaz e Rute (2.8-14)
- B' Boaz e os ceifeiros (2.15-16)
- A' Noemi e Rute (2.17-22)

A conversa de Boaz com Rute é o foco desta seção. Este capítulo também mostra como Rute foi recebida em Belém como uma moabita.

### **1. A orientação providencial de Deus a Rute 2.1-7**

O motivo para providência de Deus – o desenrolar do Seu próprio plano através das circunstâncias da vida – que vemos ao longo do Livro de Rute, fica especialmente óbvio nesta perícopa (porção do texto).

O escritor apresenta Boaz (lit. “rapidez”, ou parafraseado: “rápido, forte e pronto a servir”) como um parente (lit. “conhecido” ou “amigo”, hb. *myd'*) de Elimeleque.

“De acordo com a tradição rabínica, que não é tão bem sedimentada, Boaz era sobrinho de Elimeleque”.<sup>79</sup>

<sup>77</sup> Wiersbe, pág. 182.

<sup>78</sup> Veja W. S. Prinsloo, “The Theology of the Book of Ruth”, *Vetus Testamentum* 30:3 (Julho 1980):334.

<sup>79</sup> Keil e Delitzsch, pág. 447.

Estudiosos debatem acerca da etimologia do nome de Boaz pois ela é obscura (cf. 1 Rs 7.21), embora a maioria das sugestões sejam similares. Keil e Delitzsch acreditam que o nome de Boaz signifique “vivacidade” (prontidão, ou presteza ávida e rápida), ao passo que J. Vernon McGee e Warren Wiersbe escrevam que significa “em quem está a força”.<sup>80</sup> A Nelson Study Bible traz o nome como significando: “Força rápida”.<sup>81</sup>

Boaz viveu de acordo com este nome que retrata personalidade, que seus pais, evidentemente, lhe deram pouco depois do seu nascimento, na esperança de que ele forneceria força rápida para muitas pessoas.

Por virtude do relacionamento da sua família, Boaz era alguém elegível para perpetuar a linhagem de Elimeleque, que era a principal das necessidades de Noemi e Rute. Ele também era rico, o que obviamente significava que ele poderia prover alimento e proteção física para Noemi e Rute, que era a necessidade imediata delas (v. 1). As mesmas palavras hebraicas (*‘ish gibbor hayil*), traduzidas por “homem rico”, descreveram Rute mais tarde (3.11) e, antes, descreveram a Gideão (Jz 6.12). Aqui, pela primeira vez no livro, um homem aparece no papel protagonista.

O plano de Rute de garantir favor (v. 2) era um plano para obter alimento. Ela não percebeu quão favorecida ela seria. Deus ordenou que os fazendeiros em Israel não colhessem os cantos dos seus campos, para que o pobre e o necessitado, como os estrangeiros, viúvos e órfãos, pudessem colher (um pouco de cada vez) alimento suficiente para viver (Lv 19.9-10; 23.22).<sup>82</sup>

Os ceifeiros (v. 3) eram israelitas livres contratados para fazer este trabalho por um pagamento estipulado.<sup>83</sup> Tanto como estrangeira quanto como viúva, Rute se qualificava para esta colheita. Ela submeteu seus planos à aprovação de Noemi e recebeu a bênção dela.

“Aconteceu” que Rute colheu no campo de Boaz, do ponto de vista humano (v. 3), mas, à medida que a história se desenrola, a mão abençoadora de Deus, obviamente, guiou a escolha de Rute de ir para a porção específica do campo que pertencia a Boaz (cf. Pv 3.5-6; Mt 2.1-8).

“...o significado real do escritor em 2.3b é, na realidade, o contrário do que ele diz. O rótulo do encontro de Rute com Boaz como ‘aconteceu’ não é nada mais do que uma forma do escritor dizer que nenhuma intenção humana estava envolvida. Para Rute e Boaz, foi um acidente, mas para Deus, não. O tom de toda a história deixa claro que o narrador enxerga a mão de Deus em todo o tempo. Na realidade, o próprio secularismo da sua expressão aqui é sua forma de enfatizar esta convicção. Ele como que esconde o jogo, para dar um efeito maior. Ao chamar este encontro de ‘acontecimento’, o escritor se permite dizer que até mesmo o ‘acidental’ é dirigido por Deus”.<sup>84</sup>

<sup>80</sup> Ibid.; McGee, *Ruth: The Romance...*, pág. 70; Wiersbe, pág. 185.

<sup>81</sup> *The Nelson...*, pág. 444.

<sup>82</sup> Veja Michael A. Harbin, “Social Justice for Social Outliers in Ancient Israel, Part 1: Cultural Background”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 64:3 (Setembro 2021):471-494; e “Part 2: Provision for Widows, Orphans, and Resident Aliens”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 64:4 (Dezembro 2021):681-701.

<sup>83</sup> Roland de Vaux, *Ancient Israel: Its Life and Institutions*, 1:76.

<sup>84</sup> Hals, pág. 12. Veja também Robert B. Chisholm Jr., “A Rhetorical Use of Point of View in Old Testament Narrative”, *Bibliotheca Sacra*

O amor de Boaz por Deus e pelo próximo, as qualidades mais importantes em um ser humano da perspectiva de Deus (Dt 6.5; Lv 19.18; cf. Mt 22.37-39), são óbvios neste registro do lidar dele com seus empregados (v. 4). Não há qualquer tensão por causa do trabalho aqui, uma vez que Boaz tratou seus trabalhadores com bondade e consideração.

“Significativamente, as duas saudações formam um quiasmo com o nome de Yahweh no início e no fim. Sendo assim, a conversa dá um pequeno sinal do que virá depois da ‘sorte’ do v. 3: de uma forma dramática e simples, a presença de Yahweh é afirmada nesta cena. ...Consequentemente, por meio desta simples ferramenta, o narrador lembra o leitor de que, embora nos bastidores, Yahweh sempre esteve bem pertinho da cena”.<sup>85</sup>

O caráter de Rute também era de alta qualidade, conforme o ceifeiro atestou (v. 7) e como Boaz testemunhou, mais tarde, o que havia descoberto (v. 11). Conforme a NVT deixa claro no versículo 7, Rute descansou apenas por um breve período de tempo.<sup>86</sup> Rute era uma trabalhadora árdua.

## **2. A criada de Boaz 2.8-13**

Boaz chamou Rute de filha (v. 8), pois ela era consideravelmente mais jovem do que ele (3.10), e por causa da sua afeição por ela. Ele explicou porque sentiu isso por ela nos versículos a seguir (vv. 9, 11-12). Normalmente, o pobre iria de um campo para outro para colher. Entretanto, Boaz tratou Rute graciosamente, como uma de suas próprias criadas (vv. 8-9, 13), de forma que ela não tivesse que deixar o seu campo e assim ele pudesse prover as necessidades dela de forma mais fácil e suficiente.

“Boaz está instituindo aqui a primeira política contra o assédio sexual no trabalho registrada na Bíblia”.<sup>87</sup>

A estrangeira, Rute, a moabita, estava se integrando bem na sociedade de Israel, conforme suas ancestrais Sara e Rebeca fizeram (cf. Gn 20.6; 26.29). Um dos benefícios que ela desfrutava sendo criada era beber água retirada do poço (v. 9). A água era uma grande bênção no árido Oriente Próximo.

Boaz estava favorecendo Rute (lit. com “graça”, “favor”, ou “aceitação”; hb. *hen*), e ela quis saber o motivo (v. 10). Os israelitas, normalmente, não tratavam estrangeiros desta maneira durante o período dos juízes. Boaz explicou que não era por sua nacionalidade, mas pelo amor dela para com Noemi (v. 11) e pela confiança dela em Yahweh (v. 12) que lhe direcionaram a abençoá-la.

“... a bondade de Boaz para com Rute simplesmente correspondeu à bondade dela para com Noemi. Ele era, de fato, um verdadeiro filho de Israel: ele tratava estrangeiros com bondade, pois Israel conheceu a vida como estrangeiro no Egito”.<sup>88</sup>

---

195:636 (Outubro-Dezembro 2022):409.

<sup>85</sup> Hubbard, págs. 144-145.

<sup>86</sup> Morris, pág. 273.

<sup>87</sup> Block, pág. 660.

<sup>88</sup> Hubbard, págs. 164-165. Cf. Atkinson, págs. 67-68.

O versículo 12 deixa claro que Rute estava confiando em Yahweh e que a confiança dela havia se tornado de conhecimento público em Belém. Boaz utilizou uma figura de linguagem chamada de zoomorfismo (“Deus... sob cujas asas”), comparando um aspecto de Deus ao de um animal. A palavra hebraica traduzida por “asas” aqui, *kenapayim*, quer dizer “manto” em 3.9 (cf. Dt 32.11; Sl 36.7; 57.1; 91.4).

“A união de um indivíduo crente com Deus é, portanto, expressa da mesma forma do que a união entre homem e mulher”.<sup>89</sup>

Rute encontrou o favor que buscou (vv. 2, 13). Ela agora não era mais uma ceifeira qualquer, mas uma criada privilegiada. O senhor dela, Boaz, cuidaria de suas necessidades físicas. Entretanto, ela não era uma criada qualquer, pois ela era uma estrangeira pobre e uma viúva estrangeira (v. 13).

### **3. Os privilégios e responsabilidades de Rute 2.14-16**

Boaz tratou Rute de forma generosa e cortês, todavia, ela continuou colhendo. A condição de serva que ela tinha não forneceu recurso suficiente para que ela pudesse abandonar a colheita. Ao permitir que ela trabalhasse, Boaz preservou a dignidade e a reputação de Rute; ao fornecer generosamente para ela, ele aliviou as responsabilidades dela. O fato de Boaz permitir que Rute comesse com seus servos foi outra bênção do SENHOR. A graça abundante de Boaz nos lembra da graça abundante de Deus. Ela refletia a piedade de Boaz. A pessoa graciosa é alguém que reflete a Deus.

### **4. Rute abençoa Noemi fisicamente 2.17-23**

Ao final do dia de trabalho, Rute sepeira e divide os grãos que colheu. Ela colheu cerca de três quintos de um alqueire (“quase um cesto inteiro”) de cevada. Isso era “o equivalente a pelo menos metade do salário de um mês de trabalho” (v. 17).<sup>90</sup> Rute, também, levou à sogra aquilo que havia sobrado da sua refeição de almoço (v. 18; cf. v. 14).

Noemi desejou, duplamente, as bênçãos de Yahweh sobre o benfeitor de Rute: Primeiro, que Yahweh abençoasse Boaz por notar Rute (v. 19). Segundo, que Yahweh abençoasse Boaz por não reter sua bondade de Noemi e de Rute, e de seus falecidos maridos – sendo gentil com Rute e provendo para ambas as mulheres. Boaz se provou ser o agente de Deus ao estender bondade para com Noemi e Rute, e indiretamente aos seus maridos. Noemi identificou a bondade de Boaz como: benevolência (ARA), bondade (NVT), lealdade (NVI, hb. *hesed*, v. 20). Ela desejou antes, que Yahweh lidasse gentilmente (*hesed*) com Rute e Orfa, pois elas foram gentis para com Elimeleque, para com seus filhos e para com ela mesma (1.8). Todas as orações ou desejos em forma de oração neste livro são paraabençoar, e Deus respondeu a cada um deles.<sup>91</sup>

Quando eu era pequeno, havia um homem em nossa igreja que contribuía regular e anonimamente para ajudar uma viúva na congregação. Cada mês ele fazia uma contribuição destinada a ela. Ele nunca soube de onde essas doações vieram. Eu só sei disso porque meu pai e este homem eram grandes amigos e ele compartilhou com meu pai o que estava fazendo. Este homem é uma versão moderna de Boaz.

<sup>89</sup> Arthur H. Lewis, *Judges and Ruth*, pág. 115.

<sup>90</sup> Hubbard, pág. 179. Cf. Huey, pág. 532.

<sup>91</sup> Hals, págs. 4, 7.

“Para Noemi, que em 1.20-21 faz uma acusação severa de Deus como opressor dela, declarar a generosidade da conduta *hesed* dEle em 2.20 sem qualquer retificação é afundar a trama e reduzir tudo o que acontece em seguida a um anticlímax decepcionante. A justificação de Yahweh não se encontra nas declarações de Noemi, mas nas declarações das mulheres em 4.14, para quem Noemi dirigiu sua acusação em 1.20-21”.<sup>92</sup>

A beleza do caráter de Rute brilha nos versículos 21 e 23. Rute não viu o relacionamento de Noemi e dela mesma com Boaz como uma forma de fugir da sua responsabilidade de prover para si e para a sua sogra idosa. Ao contrário, ela se regozijou em poder continuar exercendo suas responsabilidades com segurança (v. 23).

A colheita de trigo ocorreu um mês e meio após a colheita da cevada (v. 23). A Festa dos Pães Sem Fermento, ao final de março e início de abril, inaugurava a colheita da cevada. A Festa das Primícias, que ocorria sete semanas depois, ao final de maio ou início de junho, encerrava a colheita de trigo. Portanto, Rute deve ter ficado nos campos por, pelo menos, seis ou sete semanas.<sup>93</sup>

O capítulo 2 marca a bênção inicial de Deus sobre Rute por sua fé em Yahweh. Ela recebeu a bênção do Senhor e ela mesma se tornou um canal da bênção de Deus para Noemi. Até aqui a bênção de Deus tem sido a provisão de alimento e segurança. Estas bênçãos vêm através de Boaz, outro canal de bênçãos, por causa da fé dele em Yahweh – vista no temor ao Senhor e em seu amor pelas pessoas. Bênçãos ainda mais abundantes e mais significativas estão por vir.

### **B. O PLANO PARA OBTER DESCENDENTES CAP. 3**

Depois de obter alimento e segurança a partir de uma fome, Rute e Noemi podiam olhar, além de suas necessidades físicas imediatas, para a sua maior necessidade. Enquanto Rute tomou a iniciativa de propor um plano para obter alimento (2.2), agora Noemi sugeriu um plano para adquirir descendentes e assim uma segurança (descanso) para Rute (3.1-5). Conforme destaquei, este segundo plano, que Noemi explicou e com o qual Rute concordou, encontra-se no centro estrutural do Livro de Rute. Trata-se da decisão para a qual os capítulos 1 e 2 levam, e que se desenrola a partir dos capítulos 3 e 4.

O capítulo 3, assim como o 2, ocorre ao redor de um diálogo entre Boaz e Rute:

A Noemi e Rute (vv. 1-5)

B Boaz e Rute (vv. 6-15)

A' Noemi e Rute (vv. 16-18)

#### **1. O plano de Noemi para garantir descanso para Rute 3.1-5**

Noemi expressou em Moabe, um desejo de que cada uma de suas noras encontrasse um “descanso” na casa dos seus maridos (1.9). Noemi, agora, vocaliza novamente seu desejo por uma “segurança” duradoura para Rute – o que significa casamento (v. 1). O interesse de Noemi por Rute foi além das necessidades físicas dela de

<sup>92</sup> B. Rebera, “Yahweh or Boaz? Ruth 2:20 Reconsidered”, *The Bible Translator* 36 (1985):324.

<sup>93</sup> Veja Block, pág. 677.

alimento e segurança, para a necessidade mais profunda de Rute por um marido, e quem sabe, um filho.

Deus havia prometido abençoar Seu povo com muitos descendentes (Gn 12.1-3), e a esperança de toda judia era que Deus lhe abençoasse com filhos. Se Rute fosse capaz de se casar com Boaz e ter um filho, Noemi também desfrutaria da bênção, uma vez que o filho de Rute perpetuaria a linhagem da família de Elimeleque. Todavia, a preocupação de Noemi parece ter sido primariamente pelo bem-estar de Rute ao se casar, especialmente uma vez que Rute havia provado ser uma grande bênção para ela.

Bush defendeu, repetidas vezes, que não há indicação no texto de que um aspecto da esperança de Noemi e de Rute era que ela tivesse um filho que perpetuasse a linhagem do seu primeiro marido.<sup>94</sup> Mas parece claro que filhos tinham um papel na esperança que estas mulheres cultivavam, em vista de como os habitantes do Oriente Próximo antigo consideravam os filhos, muito embora o escritor não tenha feito menção desta esperança. Era algo comum para os pais hebreus arranjarem o casamento dos filhos (cf. Jz 14.1-10).<sup>95</sup> Certo escritor sugeriu que Noemi estava dizendo a Rute como seguir o costume de uma noiva preparando-se para o casamento (vv. 3-4; cf. Ez 16.9-12).<sup>96</sup>

“Um ponto teológico significativo aparece aqui. Mais cedo, Noemi havia desejado pelas mesmas coisas [a bênção de Deus e descanso para suas noras] (1.8-9). Aqui os meios humanos (i.e., o plano de Noemi) executam algo previamente compreendido como estando na esfera de Yahweh. Em resposta à oportunidade providencialmente fornecida, Noemi começou a responder sua própria oração! Consequentemente, ela modela uma maneira na qual as ações divina e humana trabalham em cooperação: o crente não deve esperar passivamente para que as coisas aconteçam; ao contrário, ele precisa aproveitar a iniciativa quando uma oportunidade se apresenta. Ele entende que Deus apresenta a oportunidade”.<sup>97</sup>

“Depois que o primeiro marido de Rute faleceu, creio que ela vestiu roupas de luto e não fez qualquer tentativa de se tornar atraente. Mas agora Noemi percebe alguém interessado em Rute, e então ela orienta Rute a pegar aquele pequeno frasco de perfume que ela guardou e usá-lo generosamente. Posso até sugerir o nome do perfume que ela usou – ‘Meia-noite em Moabe’. E quero lhe dizer uma coisa, era um perfume exótico. E, sendo assim, Noemi disse: ‘perfume-se’”.<sup>98</sup>

O plano que Noemi sugeriu estava em harmonia com as leis de Israel e com as convenções sociais. Ela não estava sugerindo qualquer coisa imprópria, muito menos imoral.<sup>99</sup> Enquanto é verdade que na frase “descubra os pés dele” (v. 4), o pé pode ser um eufemismo para o órgão sexual,<sup>100</sup> Noemi certamente não estava sugerindo que

<sup>94</sup> Bush, pág. 147, et. al.

<sup>95</sup> Reed, pág. 424.

<sup>96</sup> Wiersbe, pág. 191.

<sup>97</sup> Hubbard, pág. 199.

<sup>98</sup> McGee, *Thru the...*, 2:108.

<sup>99</sup> Veja Allen P. Ross, “The Daughters of Lot and the Daughter-In-Law of Judah: Hubris or Faith in the Struggle for Women’s Rights”, *Exegesis and Exposition* 2:1 (Verão 1987):79; e Block, págs. 685-686.

<sup>100</sup> Gray, pág. 394.

Rute deveria descobrir a genitália de Boaz!<sup>101</sup>

“Nós não negamos a insinuação sexual; mas ela pode ser simplesmente um refinamento da motivação na história de Tamar (Gn 38), que a partir deste ponto e possivelmente, na intenção de Noemi, é o protótipo de Rute”.<sup>102</sup>

Noemi estava provavelmente dizendo para Rute tirar o xale (v. 15) que cobria as pernas e pés de Boaz enquanto dormia perto dos grãos. Ela, então, pediria que ele a cobrisse com o seu manto (v. 9). Obviamente, este era um costume histórico e uma maneira simbólica de pedir a proteção de Boaz como seu marido (cf. Dt 22.30; 27.20; Ez 16.8; Ml 2.16).<sup>103</sup> Era um encorajamento buscar a possibilidade do casamento.

“Tocar e segurar os pés dele eram um ato de submissão”.<sup>104</sup>

Por que Noemi sugeriu este método para encorajar Boaz? Podemos, apenas, presumir que outros métodos não eram possíveis ou preferíveis.

“Mas porque isso deveria ser feito desta forma, não sabemos. Nem sabemos se este era um costume amplamente praticado ou não. Ele é mencionado somente aqui”.<sup>105</sup>

Rute se submeteu, novamente, ao conselho de sua sogra, sob cuja autoridade ela se colocou (v. 5; cf. 2.2). Ao longo do Livro de Rute, a heroína é submissa à autoridade dos israelitas. Isto reflete o compromisso dela em seguir a Yahweh e ao Seu povo escolhido.

De acordo com padrões ocidentais, pode parecer que Rute era inapropriadamente agressiva. Entretanto, Boaz indicou previamente sua forte afeição por ela (2.11-17), e ela estava encorajando Boaz a ir atrás do seu interesse nela.

“Temos aqui uma empregada exigindo que o chefe se case com ela, uma moabita exigindo algo de um israelita, uma mulher exigindo algo de um homem, uma pessoa pobre exigindo algo de uma pessoa rica. Será que este foi um ato de ingenuidade estrangeira, ou uma devoção de uma nora para com a sua sogra, ou outro sinal da mão escondida de Deus? A partir de uma perspectiva natural, o esquema estava condenado desde o início como uma aposta desprezível, e a responsabilidade que Noemi colocou sobre Rute era bastante não razoável. Mas funcionou!”<sup>106</sup>

<sup>101</sup> Para uma posição a favor da visão sexual, veja P. Trible, *God and the Rhetoric of Sexuality*, págs. 182, 198, no. 23. Para uma interpretação feminista do Livro de Rute que vê um pouco de egoísmo e preocupação sexual, veja Danna Nolan Fewell e David Miller Gunn, *Compromising Redemption*.

<sup>102</sup> Gray, pág. 394.

<sup>103</sup> P. A. Kruger, “The Hem of the Garment in Marriage: The Meaning of the Symbolic Gesture in Ruth 3:9 and Ezek 16:8”, *Journal of Northwest Semitic Languages* 12 (1984):86. Veja também John Gray, *Joshua, Judges and Ruth*, pág. 395; Davis, págs. 165-166; e Block, pág. 691.

<sup>104</sup> *The Nelson...*, pág. 446.

<sup>105</sup> Morris, pág. 287.

<sup>106</sup> Block, pág. 692.

## **2. O encorajamento de Rute e a resposta de Boaz 3.6-13**

Rute obedeceu precisamente às instruções de Noemi, demonstrando ainda mais seu amor leal por sua sogra e suas ações encorajaram Boaz a ir atrás da possibilidade de casamento (vv. 6-9).

“Uma vez que Boaz era, obviamente, um homem de posses, que empregava muitos ceifeiros e não trabalhava, ele deve ter tido algum motivo urgente para dormir no campo aberto entre seus funcionários. Sem dúvida, isso ocorria porque ele não podia confiar em seus funcionários; e o que ele fez precisa ser feito hoje. O proprietário, ou algum representante fiel, deve permanecer no campo dia e noite”.<sup>107</sup>

“Já vimos em várias ocasiões, as eiras de verão em campo aberto, e os proprietários dormindo nelas para evitar roubos, assim como o rico Boaz fez quando Rute foi até ele”.<sup>108</sup>

A reação de Boaz às ações de Rute são tão notáveis, quanto o que ela fez.

“Observe que a eira era um lugar público e que todos estes incidentes ocorreram no campo aberto. Tanto homens, quanto mulheres estavam dormindo na eira. Famílias inteiras estavam reunidas ali. Esta era uma situação que não fornecia muita privacidade, mas era o costume da época e não considerado algo insolente ou até mesmo questionável. Esta era uma reunião alegre de família, no espírito de uma festa religiosa”.<sup>109</sup>

“Ao invés de levá-lo diante das pessoas e forçá-lo a realizar o papel de um *goel* [parente resgatador], ela deu a ele a oportunidade de rejeitar ou aceitar o ofício de *goel* de maneira silenciosa”.<sup>110</sup>

Rute e Noemi obviamente presumiram, ou pelo menos esperaram, que Boaz seria o parente homem vivo mais próximo de Malom, o marido de Rute (cf. 4.10). Como tal, ele teria sido capaz de se casar com Rute se desejasse fazê-lo. Ela o estava convidando para exercer o direito legal do *levir* (cunhado) dela. A frase hebraica traduzida por “estenda as abas de sua capa sobre mim” (v. 9) é uma expressão idiomática referente ao casamento (cf. v. 10; 2.12; Dt 22.30; 27.20; 1 Rs 19.19; Ez 16.8; MI 2.16).

No gênero de narrativa como o Livro de Rute, uma apreciação do contexto histórico é importante para destravar o significado do texto. Em nenhum outro lugar o Antigo Testamento lista o casamento como um dever de um parente resgatador. Portanto, o pedido de Rute parece ir além das obrigações de Boaz naquele papel. Entretanto, há indicações de que os deveres do *go’el* iam além do que a lei estipulava, especificamente, a redenção de propriedade e de parentes escravizados. Este era o espírito da lei, se não a sua letra.

“O uso metafórico desta palavra sugere que Boaz também pode ter ajudado um membro do clã num processo legal (Jó 19.25; Sl 119.154; Pv 23.11; Jr 50.34; Lm 3.58). Além disso, se alguém sugere que a figura de Yahweh como *go’el* reflete costumes legais israelitas, o *go’el*

<sup>107</sup> W. M. Thomson, *The Land and the Book*, 1:518. Divisão de parágrafo omitida.

<sup>108</sup> *Ibid.*, 2:511.

<sup>109</sup> McGee, *Ruth: The Romance...*, pág. 92.

<sup>110</sup> *Ibid.*, pág. 94.

também era um advogado que defendia membros vulneráveis da família e que assumia responsabilidades por parentes desafortunados [Nota de rodapé 10: Gn 48.16; Ex 15.13; Jó 19.25; Sl 119.154; Pv 23.10-11; Is 43.1; 44.22, 23; 48.20; 52.9; 63.9; Jr 50.34; Lm 3.58; cf. Sl 72.12-14. Observe também que um *go'el* poderia ser um bebê, assim se referindo a uma ajuda futura, e um “restaurador da vida” e “sustentador na velhice” (Rt 4.14-15)]. Em suma, parece provável que o dever de *go'el* era amplo – de fato, muito mais amplo do que os atos redentivos ensinados em Lv 25 e aqueles típicos do levirato. Obviamente, o levirato tinha o alvo de ajudar os membros do clã, tanto os que viviam e se mostravam fracos e vulneráveis, quanto os mortos. De fato, pode ser particularmente significativo para o livro de Rute que duas das responsabilidades diziam respeito a ações em favor dos mortos (Nm 5.8; 35.12, 19-27 etc.).<sup>111</sup>

“As vidas das pessoas genuinamente boas não são governadas por leis, mas por caráter e por um senso moral de certo e errado. Para Boaz, a aliança de Yahweh com Israel fornece orientação suficiente para saber o que fazer neste caso”.<sup>112</sup>

Por que Boaz não propôs o casamento imediatamente? Obviamente, dois foram os motivos: ele achou que Rute queria se casar com um homem mais jovem, alguém de idade mais próxima à dela (v. 10) e ele não era o parente homem mais próximo que ela poderia ter (v. 12). É possível que Boaz fosse um sobrinho de Elimeleque e um irmão de Elimeleque ainda estivesse vivo em Belém.<sup>113</sup>

A questão da bênção aparece, novamente, à medida que Boaz deseja a bênção de Deus sobre Rute por causa da bondade dela para com ele (v. 10). Obviamente, a “primeira bondade” dela foi sua disposição de permanecer perto de Boaz, servindo como sua serva e por colher nos campos de Boaz. A “última bondade” dela foi sua disposição de se casar com ele e assim fornecer a Noemi um herdeiro – muito embora Boaz fosse um homem mais velho. Rute assumiu esta obrigação familiar, para com Noemi, de vontade própria.

A questão da bondade aparece outra vez aqui. Noemi havia desejado que Deus usasse de bondade para com suas noras, assim como elas fizeram com ela (1.8). Então, Noemi esperou que Boaz experimentasse a bênção de Yahweh por seu amor leal para com Noemi, Rute e seus maridos (2.20). Agora Boaz abençoou Rute e reconheceu que ela havia sido canal de bênção de Deus para ele, por causa de sua bondade a ele (v. 10).

A descrição que Boaz faz de Rute como uma mulher de excelência (v. 11) ou “virtuosa” (NVT, NVI, ARA, ACF) é interessante, pois o mesmo termo hebraico, *hayil*, descreve Boaz em 2.1. *Hayil* significa uma pessoa de riqueza, caráter, virtude, realização e de excelência compreensiva. Como tal, Rute era digna de ser a esposa de Boaz. Eles formavam um par singular. O termo *hayil* também descreve a mulher ideal em Provérbios 31.10 (cf. Pv 12.4; 19.14).

Boaz agora prometeu se casar com Rute – caso o parente mais próximo (“mais próximo que eu”) escolha não exercer seu direito de fazê-lo (vv. 12-13).<sup>114</sup>

<sup>111</sup> Hubbard, págs. 51-52.

<sup>112</sup> Block, pág. 696.

<sup>113</sup> Davis, pág. 167.

<sup>114</sup> McGee, *Ruth: The Romance...*, págs. 115-176, escreveu um tratado extenso a respeito das qualificações de um resgatador. Veja

“Não cumprir com o seu compromisso, depois de invocar o nome do Senhor, teria sido uma violação do terceiro mandamento (Ex 20.7)”.<sup>115</sup>

O que envolvia a decisão do parente mais próximo fica claro mais tarde na história (4.3-5). Muito embora Boaz quisesse se casar com Rute, ele não violou a Lei Mosaica para fazê-lo. Sua submissão à Lei de Deus refletia sua submissão a Deus. Vemos aqui outro motivo porque ele foi chamado de *hayil* pelo escritor (2.1).

Havia uma série de exigências que um homem tinha de satisfazer para se qualificar como o parente redentor: (1) Ele tinha que ser o parente mais próximo. (2) Ele tinha que estar disposto a redimir. (3) Ele tinha que ser capaz de redimir. (4) Ele mesmo tinha que ser alguém livre. (5) Ele tinha que ser capaz de pagar o preço da redenção.<sup>116</sup>

### **3. O retorno de Rute à Noemi 3.14-18**

Rute tinha se arriscado ao dormir na eira (v. 14). Outras pessoas poderiam tê-la visto e pensado que algo ruim estava acontecendo. Obviamente, alguns dos ceifeiros de Boaz sabiam da presença dela, mas Boaz lhes disse para manter a presença de Rute em segredo.

“Ele sabia que se isso se tornasse conhecido, fofocas na cidade envenenariam o incidente, tal como fazem alguns comentaristas modernos, assim destruindo a reputação de Rute e quem sabe a dele mesmo”.<sup>117</sup>

Boaz havia sido generoso ao permitir que Rute colhesse em seu campo e também dando a ela um privilégio especial. Desta vez, ele também deu seis medidas de cevada (v. 18). O texto hebraico diz, literalmente, “seis de cevada”, o termo “medida” foi fornecido pelos tradutores. Portanto, a qual medida o escritor estava fazendo referência não fica claro. Se era um efa, Rute teria de ter carregado quase 100 quilos sobre seus ombros. Isso parece pouco provável. Quem sabe uma medida fosse um seá (um terço de um efa), no caso Rute teria carregado entre 25 a 40 quilos de grãos: “um montante que certamente seria possível para uma jovem trabalhadora forte, acostumada a carregar tais fardos”.<sup>118</sup> É possível que a medida total fosse de seis “colheres” feitas com as mãos, ou com um utensílio utilizado na eira.<sup>119</sup>

Parece óbvio, em qualquer evento, que Boaz foi ainda mais generoso nesta ocasião do que havia sido antes. Assim como antes, a dádiva de Boaz dando a cevada era uma porção da bênção de Deus sobre Rute e sobre Noemi através de Rute.

“A semente que preenchia o estômago era a promessa da semente que preencheria o ventre”.<sup>120</sup>

---

também uma digressão de Bush acerca do relacionamento entre o pedido de Rute e a questão do casamento de levirato, págs. 166-169.

<sup>115</sup> Huey, pág. 538.

<sup>116</sup> McGee, *Thru the...*, 2:118.

<sup>117</sup> Huey, pág. 539.

<sup>118</sup> Bush, págs. 178-179.

<sup>119</sup> Block, pág. 698.

<sup>120</sup> B. Porten, “The Scroll of Ruth: A Rhetorical Study”, *Gratz College Annual* 7 (1978):40.

O tema do descanso conclui este capítulo (v. 18), assim como ele começou (v. 1). Boaz não descansaria até prover descanso para Rute, o descanso que Noemi buscou para ela. Até então, Rute poderia apenas esperar. A espera dela era uma demonstração da sua fé e um antegozo do descanso no qual ela entraria em breve.

Semelhantemente, o cristão precisa aguardar agora – até que nosso Redentor complete nossa redenção – quando final e plenamente descansaremos em Sua presença. A redenção é a Sua obra por nós. Muitos escritores observaram os paralelos entre Rute e a igreja, a noiva de Cristo e entre Boaz e Cristo.<sup>121</sup>

O capítulo 3 é todo sobre como Rute pode encontrar descanso. A solução para a necessidade dela era o casamento com Boaz, que vimos planejado neste capítulo, mas que finalmente veremos concretizado no capítulo seguinte.

“...como um todo, o capítulo ensinou que Deus executa Sua obra através de crentes que buscam oportunidades inesperadas como dádivas de Deus”.<sup>122</sup>

### **III. A PROVISÃO DE DEUS CAP. 4**

O clímax desta história fascinante e a resolução do problema que se encontra no caminho da união de Rute e Boaz e a realização do descanso, torna-se clara neste capítulo. O plano de Rute e Noemi (3.1-5) tem êxito total.

“Este capítulo concentra-se em três pessoas: um noivo, uma noiva e um bebê”.<sup>123</sup>

#### **A. A DECISÃO DO PARENTE MAIS PRÓXIMO 4.1-6**

O portão principal de cidades como Belém, no Oriente Próximo antigo, era o lugar onde as pessoas fechavam negócios oficiais (cf. Gn 19.1; 2 Sm 15.2-6; 1 Rs 22.10; Am 5.10, 12, 15).

“Nas cidades antigas, a ‘porta’ era uma passagem curta através do muro espesso da cidade que fornecia à cidade uma entrada e uma saída. Uma série de alcovas pequenas revestiam a passagem e toda a região da porta servia tanto como um mercado e um fórum. Ali os idosos se ajuntavam para comprar e vender, para resolver questões legais e para falar mal das pessoas. Consequentemente, a ‘porta’ aqui representava a cidade como um todo (*toda a cidade*), e não um corpo legal específico como um ‘conselho da cidade’”.<sup>124</sup>

O escritor não registrou o nome do parente mais próximo (“resgatador”, v. 1; cf. 1 Sm 21.2; 2 Rs 6.8). Ele escreveu que Boaz o saudou como “amigo” (hb. *peloni almoni*). Deus, provavelmente, não registrou o nome do homem no texto como uma espécie de juízo sobre ele, por se recusar a perpetuar o nome do seu parente falecido redimindo Rute (cf. Dt 25.10).<sup>125</sup> O motivo para o escritor ter omitido o nome não era pelo fato do nome não ser importante, pois o nome poderia não ter feito diferença nenhuma, fosse este o caso.

<sup>121</sup> Por exemplo: Veja McGee, *Ruth: The Romance..*; e George E. Gardiner, *The Romance of Ruth*.

<sup>122</sup> Hubbard, pág. 230.

<sup>123</sup> Wiersbe, pág. 197.

<sup>124</sup> Hubbard, pág. 216.

<sup>125</sup> Bush, pág. 197.

“...aquele que estava tão ansioso por preservar a própria herança, agora não é nem conhecido pelo nome”.<sup>126</sup>

A Lei Mosaica não especificava a necessidade de 10 anciãos decidindo tais casos (v. 2). É possível que este número fosse o costume da época. Qualquer que seja a resposta, Boaz escolheu suas testemunhas para que a decisão do parente mais próximo tivesse valor legal.<sup>127</sup> A presença de 10 anciãos também teria colocado alguma pressão social sobre o parente para fazer o que era correto.

“Numa época em que poucos registros escritos eram guardados, a declaração por um número de testemunhas tornava as transações algo legalmente seguro”.<sup>128</sup>

O texto não revela o relacionamento preciso entre o parente mais próximo e Boaz para com Rute. Isso era algo sem importância para o escritor. Uma questão importante era que ambos os homens possuíam qualificações legais para redimir Rute e para gerar filhos em nome do seu falecido marido. Outra questão importante era que o parente mais próximo tinha os primeiros direitos de aceitação ou recusa, e Boaz era o segundo da fila.

A redenção da propriedade de um parente com problemas financeiros e o casamento com a viúva de um parente próximo para perpetuar seu nome e sua família eram dois procedimentos separados em Israel. Levítico 25.25-28 legislava a redenção da propriedade e Deuteronômio 25.5-10 regulava o casamento de levirato. As ações nem sempre caminhavam juntas.<sup>129</sup> Neste caso, Boaz queria fazer ambas as coisas.

Boaz levantou primeiro a questão de redimir a terra de Noemi (vv. 3-4). Pela primeira vez na história, descobrimos que Noemi era dona de uma propriedade. A despeito disso, ela e Rute eram pobres, caso contrário Rute não teria que participar da colheita. É possível que Noemi tenha desejado vender sua propriedade para levantar dinheiro para suas despesas, embora a Lei especificasse que ela teria que ser vendida dentro da tribo do marido. Podemos apenas especular porque Noemi era pobre o suficiente para necessitar de redenção, muito embora fosse dona de alguma propriedade.

É possível que ela tenha anexado a propriedade desta terra enquanto estava em Moabe e, portanto, não obteve nenhuma renda com ela.<sup>130</sup> É possível que alguém tenha tomado posse da propriedade, como um invasor, quando a família de Noemi se mudou para Moabe.<sup>131</sup> Ou quem sabe ela tenha tido de penhorar a propriedade de seu falecido marido para sobreviver.<sup>132</sup> Ela pode ter agido como responsável pelos direitos de propriedade do marido e dos filhos e agora estava pronta para desocupá-la. Ou ainda, possivelmente a questão poderia envolver adquirir o direito de manter e utilizar a propriedade sem perder seus lucros até o próximo Ano do Jubileu.<sup>133</sup>

<sup>126</sup> J. P. Lange, ed., *A Commentary on the Holy Scriptures*, volume 2: *Numbers-Ruth*, “The Book of Ruth”, por Paulus Cassel, pág. 46.

<sup>127</sup> Bush, pág. 199.

<sup>128</sup> Huey, pág. 544.

<sup>129</sup> Jack Sasson, “The Issue of *Ge’ullah* in Ruth”, *Journal for the Study of the Old Testament* 5 (1978):60-63. Donald A. Leggett, *The Levirate and Goel Institutions in the Old Testament with Special Attention to the Book of Ruth*, págs. 209-253.

<sup>130</sup> Hubbard, pág. 54.

<sup>131</sup> Howard, pág. 138.

<sup>132</sup> Merrill, “Ruth”, pág. 200.

<sup>133</sup> Block, pág. 710.

Não devemos interpretar a referência que Boaz faz de Elimeleque como o irmão do parente mais próximo e dele (v. 3) querendo dizer que eles eram, necessariamente, irmãos de sangue. A expressão no hebraico, bem como no português, é uma expressão ampla que significa amizade/proximidade. Elimeleque pode muito bem ter sido irmão de sangue deles, mas a expressão não exige este significado. Uma vez que estes três homens eram parentes, há uma boa possibilidade de que o campo do qual Noemi queria se desfazer tivesse fronteira com as terras destes outros dois homens.<sup>134</sup>

O parente mais próximo desejava a terra de Noemi e inicialmente estava disposto a comprá-la dela (v. 4). Porque o parente mais próximo teria de se casar com Rute, caso desejasse comprar a propriedade de Noemi, não fica claro no texto. A Lei Mosaica não ordenava que o casamento de levirato acompanhasse a redenção da propriedade da família sempre que parecesse apropriado. Quem sabe a explicação a seguir forneça a solução para este problema:

“Ele [o parente mais próximo] deve ter pensado que, para comprar a terra de Noemi ele teria de investir uma parte do valor em sua própria terra, ou herança. Então, ele teria um filho com Rute que, em nome de Malom, e não em seu próprio nome, se tornaria herdeiro da terra que ele comprou com o dinheiro dos seus bens. Ele pareceu disposto a redimir a propriedade de Noemi, caso isso não o atrapalhasse financeiramente, ou se ele tivesse algum ganho com isso, mas ele não poderia aceitar a responsabilidade, caso isso gerasse uma diminuição em seus próprios recursos e uma consequente injustiça para com seus próprios herdeiros”.<sup>135</sup>

Quando o parente próximo escolheu comprar a terra de Noemi, o escritor lhe identificou como o parente mais próximo (v. 6; cf. v. 3). Uma vez que ele *era* o parente mais próximo, ele se encontrava sob uma obrigação moral, se não legal, de se casar com a mulher do seu parente falecido, caso pudesse (Dt 25.5-6).<sup>136</sup> De acordo com o costume, a sua recusa em fazê-lo traria desgraça sobre ele (Dt 25.7-10). Huey acreditava que nenhuma das desgraças desta regulação estava presente no lidar de Boaz com o parente mais próximo.<sup>137</sup> A Lei Mosaica exigia o casamento de levirato apenas quando o homem fosse legalmente capaz de se casar com a viúva de seu irmão. Se ele já tivesse uma esposa, ele obviamente não poderia fazê-lo. Caso contrário, a Lei exigiria que ele se tornasse um polígamo!<sup>138</sup>

“...havia se tornado costume exigir o casamento de levirato do redentor da porção do parente falecido, não apenas para que a posse da terra pudesse ser permanentemente retida pela família, mas também para que a própria família não ficasse sofrendo até a morte”.<sup>139</sup>

<sup>134</sup> Morris, pág. 300.

<sup>135</sup> Herbert Bess, *Systems of Land Tenure in Ancient Israel* (dissertação de Ph. D. não publicada, University of Michigan, 1963), pág. 78. Citado por Davis, págs. 168-169.

<sup>136</sup> Block, pág. 715.

<sup>137</sup> Huey, pág. 544. Veja também a digressão de Bush a respeito da natureza da transação que Boaz propôs nos versículos 3-5a, págs. 211-215.

<sup>138</sup> Veja J. R. Thompson, *Deuteronomy*, pág. 251. Bush, págs. 221-223, fornece uma digressão a respeito do casamento de levirato no Antigo Testamento.

<sup>139</sup> Keil e Delitzsch, pág. 482. Veja mais a respeito do material escrito por eles em relação à transferência de propriedade, págs. 488-490.

“Rute era a única que poderia ter um filho que herdasse a propriedade de Elimeleque. Portanto, ela não era apenas uma ligação importante na cadeia de genealogia, mas ela mantinha certos direitos sobre a propriedade discutida por Boaz com o outro parente. Portanto, redimir a propriedade envolveria o *goel* nas questões da estrangeira de Moabe. Aquele que redimisse a propriedade teria que redimir a Rute também, à medida que ela e suas questões estavam ligadas ao campo de Elimeleque. Esta era a questão técnica legal sobre a qual Boaz dependia para a sua vitória”.<sup>140</sup>

O desejo de suscitar o nome do falecido era uma das maiores motivações na ação de Boaz. Ele queria honrar Malom perpetuando seu nome em Israel.<sup>141</sup> O escritor não condena abertamente o parente mais próximo por fazer o que fez, mas ao manter o nome dele em sigilo, ele o pinta de uma maneira ruim. Em contraste, o escritor se concentra na atuação de Boaz como fruto de um amor leal extraordinário.

O fato da genealogia ao final do livro (4.21) conectar o filho de Boaz e Rute com Boaz – ao invés de Malom – não significa que ele falhou em perpetuar a linhagem e a reputação de Malom. O filho (Obede) estaria qualificado para herdar a propriedade tanto de Malom, quanto de Boaz. No sistema social deles, o israelita consideraria Obede como filho de ambos os homens, bem como um descendente de Elimeleque.

“A mesma pessoa poderia ser genealogicamente considerada ou em diferentes linhagens de famílias, ou em diferentes lugares na mesma linhagem. Neste caso, Obede estava provavelmente ligado a Boaz (e, por fim, a Judá) por razões políticas; ao mesmo tempo, por razões teológicas (i.e., para demonstrar a providência por trás do surgimento de Davi), ele também era considerado filho de Elimeleque”.<sup>142</sup>

Diante do fardo financeiro duplo, de comprar o campo e se casar e prover para Rute, e provavelmente para Noemi, o parente mais próximo recusou a oferta de Boaz (v. 6). Observe que ele disse que não *podia*, e não que não *iria*. A explicação dada por ele é que ele colocaria em risco sua própria herança. A herança a que ele se refere diz respeito à herança que ele passaria aos seus descendentes, e não a herança que ele poderia receber de um ancestral. Ele não quis que o futuro filho de Rute herdasse o campo.

“Na recusa do parente mais próximo de se casar com Rute, e assim reabilitando a família do seu parente Elimeleque, temos uma analogia posterior com a tradição de Tamar em Gn 38, onde o filho de Judá, Onã, por motivos egoístas, se recusou a dar um filho “que pertenceria ao irmão” (Gn 38.9)”.<sup>143</sup>

Hubbard concluiu que a obrigação de se casar com Rute, bem como a compra da terra, precisaria ter sido legal, quer conhecida por toda Israel ou singular a Belém.<sup>144</sup> Ele considerou a mudança de ideia do parente mais próximo sem nome como “o mais espinhoso problema legal do livro”.<sup>145</sup>

<sup>140</sup> McGee, *Ruth: The Romance...*, pág. 109. Veja também Block, págs. 716-717; e Reed, pág. 426.

<sup>141</sup> Veja Oswald Loretz, “The Theme of the Ruth Story”, *Catholic Biblical Quarterly* 22 (1960):391-399.

<sup>142</sup> Hubbard, págs. 62-63.

<sup>143</sup> Gray pág. 399.

<sup>144</sup> Hubbard, pág. 58.

<sup>145</sup> *Ibid.*, pág. 56.

“...o elemento surpresa precisa ser algo diferente da obrigação de se casar com a viúva do falecido, uma vez que o parente provavelmente esperaria isso. Enquanto a certeza é impossível, uma leitura cuidadosa de 4.3-5 sugere que a nova informação foi a substituição repentina e inesperada de Rute por Noemi como a viúva de Elimeleque. A progressão do pensamento seria da seguinte forma: de maneira inteligente, Boaz mudou a direção da conversa sobre Rute para se focar nas questões legais com relação a Elimeleque e Noemi nos versículos 3-4. Se o pensamento de uma viúva casável associada com a terra passasse pela mente do parente, ele provavelmente entenderia que seria Noemi. Com uma idade que não lhe permitiria mais ter filhos, ela não seria uma ameaça para a sua compra e lucro esperado. A proposta atraente ofereceria a ele um retorno duplo para um investimento pequeno. Ele não apenas aumentaria o tamanho das suas propriedades, mas também sua reputação civil como alguém leal à sua família. Lucros futuros da terra compensariam qualquer despesa empregada no cuidado de Noemi; de fato, considerando seu terrível sofrimento, poderíamos esperar que ela não vivesse por muito mais tempo. Qualquer que seja o caso, não havia qualquer risco de perder seus investimentos para as reivindicações de um herdeiro futuro. Entretanto, um casamento obrigatório com Rute (v. 5) era uma questão muito diferente. Muito mais nova, ela poderia ter vários filhos, o primeiro qualificado para reivindicar a propriedade de Elimeleque como seu herdeiro, os outros talvez, compartilhando a própria herança do parente (v. 6). Esta possibilidade aumentou o risco do investimento e, quem sabe, até o tenha perturbado... O lucro seria dele apenas até que o filho de Elimeleque comprasse a terra, provavelmente quando chegasse à idade adulta. Além disso, o cuidado de uma esposa mais jovem e forte (cf. 2.17-18) significaria um gasto muito maior do que o planejado. Sendo assim, ele de bom grado abriu mão dos direitos de redenção em favor de Boaz (vv. 6-8)”.<sup>146</sup>

McGee indicou que este parente mais próximo, a quem ele chamou de “Velho Descalço”, é similar à Lei Mosaica no sentido de que nenhum deles era capaz de redimir.<sup>147</sup>

#### **B. BOAZ RECEBE O DIREITO DE SE CASAR COM RUTE 4.7-12**

Provavelmente a prática de ficar na terra de posse tenha levado ao costume de utilizar a sandália como símbolo de posse nas transações de terra (v. 7; cf. Gn 13.17; Dt 1.36; 11.24; 25.8-10; Js 1.3; 14.9).<sup>148</sup>

“...qualquer direito que ele tivesse de pisar e andar sobre a terra, ele transmitiu e a transferiu, mediante consideração valiosa, para o comprador”.<sup>149</sup>

“...o fato de que o narrador teve de explicar costumes antigos para os leitores em 4.7 indica

<sup>146</sup> Ibid., pág. 61. Outros escritores que, essencialmente, defendem a mesma posição são E. W. Davies, “Ruth 4:5 and the Duties of the *go’el*”, *Vetus Testamentum* 33 (1983):233-234; Campbell, pág. 159; E. Robertson, “The Plot of the Book of Ruth”, *Bulletin of the John Rylands Library* 32 (1950):221; e Howard, pág. 138.

<sup>147</sup> McGee, *Thru the...*, 2:116, 117.

<sup>148</sup> Ernest R. Lacheman, “Note on Ruth 4:7-8”, *Journal of Biblical Literature* 56 (1937):53-56. Veja também E. A. Speiser, “Of Shoes and Shekels”, *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 77 (Fevereiro de 1940):17.

<sup>149</sup> Henry, pág. 280.

que o livro não foi escrito no momento dos eventos”.<sup>150</sup>

Muitos estudiosos acreditam que foi o parente mais próximo, neste caso o parente anônimo, que removeu sua sandália para simbolizar a conclusão da transação (v. 8).

A ênfase de Boaz em levantar o nome do falecido (v. 10), especificamente, de Malom e de seu pai Elimeleque (v. 9), demonstra a preocupação de Boaz pela reputação e pela posteridade da linhagem da sua família. Essas eram preocupações importantes em Israel, por causa das promessas de Deus em relação à semente de Abraão e especialmente, em relação aos descendentes de Judá (Gn 49.10).

“Os antigos acreditavam que quando o nome de uma pessoa não era mais mencionado após a sua morte, essa pessoa deixava de existir (Is 14.20)”.<sup>151</sup>

As testemunhas da transação de Boaz desejaram a bênção de Deus de numerosos descendentes sobre ele (v. 11). Eles citaram Raquel e Lia, ambas, que como Rute, se juntaram aos israelitas de um país estrangeiro: a Mesopotâmia.

A sepultura de Raquel ficava próxima a Belém, tornando a referência a ela significativa para os residentes locais. Raquel e sua irmã Lia deram, juntas, a Jacó 12 filhos – diretamente ou através de suas criadas. Elas construíram, de fato, a casa de Israel (v. 11). As pessoas também desejaram riquezas (cf. 2.1; 3.11) e fama sobre Boaz, o que ele realmente obteve, graças às bênçãos de Deus sobre sua família – especialmente através de Rute e de Davi. A menção que eles fazem de Efrata é apropriada, pois o termo significa “frutífero”.

A referência a Perez (v. 12) também é significativa. Há muitos paralelos entre a história de Boaz e Rute e a história dos pais de Perez: Judá e Tamar (Gn 38):

- Rute e Tamar eram estrangeiras que se casaram em Israel.
- Os primeiros maridos de ambas morreram as deixando viúvas.
- Ambas as mulheres participaram do casamento de levirato.
- Tamar seduziu Judá com a cobertura de um disfarce, mas Rute encorajou Boaz com a cobertura da noite.
- Quando Judá e Tamar apareceram perante um tribunal público, eles foram envergonhados e condenados, mas quando Boaz e Rute o fizeram, receberam louvor e bênção.
- Em ambos os casos, os maridos eram consideravelmente mais velhos que as esposas.
- Entretanto, ambas as mulheres conceberam filhos na linhagem messiânica de Davi: Rute de forma honrável e Tamar de forma desonrável.
- Tamar teve Perez (lit. “uma fissura”) e Rute teve Obede (lit. “aquele que serve”). Obede viveu segundo a característica de personalidade indicada por seu nome, servindo como filho de Boaz e de Rute, como neto de Noemi e como uma ligação a Davi.

“Assim como Rute, Tamar era uma estrangeira que perpetuou uma linhagem familiar ameaçada de extinção, que mais tarde tornou-se a principal casa de Judá, e assim obteve fama como sua

<sup>150</sup> *The Nelson...*, pág. 441.

<sup>151</sup> Block, pág. 723.

mãe fundadora. Se fértil, não pode a estrangeira (cap. 3) igualmente criativa, Rute, também preservar a linhagem de Elimeleque e, se esta linhagem se tornar famosa, assim receber um grande destino semelhante?”<sup>152</sup>

Os descendentes de Perez incluíram muitos líderes que foram uma bênção para Israel. A tribo de Judá liderou os israelitas na marcha do deserto e na conquista, e no estabelecimento na terra após a morte de Josué (Nm 10.14; Jz 1.1-2).

As testemunhas também reconheceram que os filhos são uma dádiva de Deus (vv. 11-12; cf. Sl 127.3-5). Eles verbalizaram um desejo, em forma de oração, de que Boaz recebesse “riqueza” (v. 11; hb. *hayil*) em Efrata e se tornasse famoso em Belém (cf. 2.1; 3.11). Elas também reconheceram que o Senhor é a fonte de toda bênção.

### **C. A PROVISÃO DE DEUS DE UM FILHO 4.13-17**

O versículo 13 é um versículo-chave no livro, pois ele registra o cumprimento dos planos de Noemi e de Rute para a obtenção de descanso (2.2; 3.1-5).<sup>153</sup> Um filho era indispensável para a continuidade da linhagem de Boaz, bem como de Malom e Elimeleque. Com o nascimento de Obede, Rute e Noemi podiam, finalmente, descansar. Eles haviam produzido alguém que continuaria o programa de Deus para Israel.

Por que um israelita piedoso como Boaz se casaria com uma mulher moabita? A Lei não proibia os israelitas de se casarem com moabitas, mas ela proibia sim, o casamento com as cananitas. A Lei em Deuteronômio que restringia as moabitas e amonitas de entrar na assembleia do Senhor (Dt 23.3), provavelmente, significava que elas não tinham permissão de entrar no santuário central (o tabernáculo e depois o templo) com o propósito de adorar publicamente.

As mulheres louvaram ao Senhor (v. 14), reconhecendo Sua bondade em prover um resgatador para Noemi, bem como para Rute (v. 15). Deus, eventualmente, concedeu o desejo delas de que o nome de Boaz se tornasse famoso em Israel (v. 14). Rute e Boaz nem sabiam, mas da união deles viriam os maiores reis de Israel, especificamente: Davi e Jesus Cristo. Boaz, de fato, restaurou a vida do ramo aparentemente morto da família de Judá (v. 15). Além disso, ele a sustentou até a velhice dela, dando a ela esperança (cf. 1.20-21).

Alguns comentaristas acreditam que o resgatador do texto bíblico é Obede, e não Boaz:

“...com toda a probabilidade, Obede significava originalmente ‘servo’ de Noemi; como *go’el* dela, ele a ‘serviu’ garantindo a sobrevivência da família e fornecendo alimento a ela... O nome de Obede, provavelmente, recebeu o acréscimo ‘servo de Yahweh’, pois ao final das contas, o serviço dele a Noemi serviu o propósito maior de Yahweh também”.<sup>154</sup>

Rute também recebeu elogios por seu amor e cuidado altruístas incomuns por sua sogra (v. 15). O israelita antigo acreditava que sete filhos constituíam uma família ideal (cf. 1 Sm 2.5; Jó 1.2; 42.13; At 19.14-17). Consequentemente, ao dizer que Rute era melhor do que sete filhos para Noemi, as testemunhas queriam dizer

<sup>152</sup> Hubbard, pág. 261.

<sup>153</sup> Veja Constable, pág. 111.

<sup>154</sup> Hubbard, pág. 277.

que Rute proveu tudo o que uma família ideal poderia prover para Noemi.

Noemi se tornou a cuidadora do bebê (v. 16), no sentido de se tornar aquela que cuidou, o sentido do termo hebraico *'aman* (lit. “cuidou dele” ou “aquela que serve”). Compare o nome Obadias, que significa “servo de Yahweh”. Ela não se tornou a “ama” dele, mas sua “babá”.<sup>155</sup> Noemi, basicamente, cuidou do seu neto como se fosse seu filho.<sup>156</sup>

O versículo 17 contém um dos únicos dois exemplos nas Escrituras quando uma criança recebeu seu nome de alguém que não a família imediata (cf. Ex 2.10; Lc 1.59).

“Este versículo [v. 17] é, obviamente, uma pista para o propósito do livro: demonstrar que o reino de Davi não é fruto nem de política sagaz, nem de suas táticas inteligentes, mas da preservação divina de sua linhagem familiar valorosa. Portanto, Israel deveria aceitar o reinado de Davi como uma dádiva da orientação divina”.<sup>157</sup>

Porque o escritor deu destaque a Noemi na porção final do livro, ao invés de Rute? Creio que ele assim o fez para concluir o ponto principal do capítulo 1. Ali, em muitas palavras, Noemi disse ser impossível para ela ter um filho (1.11-13). Todavia, ao final do livro, ele tem um neto (4.17)! Um bom argumento pode ser apresentado para a opinião de que este livro é realmente mais sobre Noemi do que sobre Rute.

O motivo da necessidade de que a linhagem de Judá conseguisse prover um rei é o que o escritor queria que seu leitor apreciasse. Deus forneceu sobrenaturalmente uma semente real (4.14) – para um casal piedoso. A fé de Rute em Yahweh a qualificou como um canal de bênção, a despeito de sua origem moabita. O Livro de Rute começou com três funerais, mas termina com um casamento!<sup>158</sup>

#### **D. O APÊNDICE GENEALÓGICO 4.18-22**

Longe de ser um pós-escrito sem importância, esta genealogia nos ajuda a enxergar um dos principais propósitos para Deus nos dar este livro.

Por que esta genealogia começa com Perez? Porque ele foi o fundador do ramo da família de Judá à qual pertenciam Elimeleque e Boaz (Nm 26.20). Perez foi o filho ilegítimo de Judá (e Tamar; 1 Cr 2.4) que, assim como Jacó, tomou a iniciativa para se colocar na linhagem da promessa messiânica do seu irmão gêmeo Zerá (Gn 38.27-30).<sup>159</sup>

Esta genealogia enfatiza como Deus contornou o costume e a tradição ao fornecer o grande resgatador de Israel: Davi. Assim como Perez, Boaz era o descendente de um pai israelita, Salmom, e uma prostituta cananita, Raabe (Mt 1.5). Tanto Tamar, quanto Raabe se tornaram israelitas, pois creram e valorizaram as promessas de Deus a Israel, assim como fez Rute. O próprio Davi foi o filho mais jovem (cf. Jacó e Perez) de Jessé, ao invés do mais velho.

<sup>155</sup> Bush, pág. 259; Block, pág. 730.

<sup>156</sup> Keil e Delitzsch, pág. 492.

<sup>157</sup> Hubbard, pág. 278. Veja também Block, págs. 734-736.

<sup>158</sup> Wiersbe, pág. 197.

<sup>159</sup> Merrill, “The Book...”, pág. 134.

“Fica claro que um dos principais propósitos do narrador bíblico era estabelecer ligações entre Judá e Tamar por um lado, e Boaz e Rute por outro, ligações atrelando a promessa real, dada a Judá, com o cumprimento da dinastia davídica. Isso foi realizado não apenas demonstrando as afinidades entre as histórias de Tamar e Rute, mas também sugerindo contrastes importantes”.<sup>160</sup>

As palavras da genealogia (hb. *Toledot*), “fulano gerou ciclano”, não sugere necessariamente que esta é uma lista completa (cf. 1 Cr 2.5-15; Mt 1.3-6; Lc 3.31-33). A palavra *toledot* é chave para a estrutura de Gênesis, indicando suas divisões principais (2.4; 5.1; et al.). Esta é uma das várias alusões ao início da história de Israel contidas no Livro de Rute. Este livro mostra que Deus ainda está operando fielmente com os israelitas, como fez antes na história, muito embora eles fossem, em geral, infiéis a Ele no período dos juízes. Poderíamos ter esperado que Malom, ao invés de Boaz, fosse mencionado nesta lista – uma vez que, ao se casar com Rute, Boaz perpetuou a linhagem de Malom. Obviamente, a genealogia passa por Boaz porque ele era o pai físico de Obede.

“Os primeiros cinco nomes cobrem o período de entrada no Egito (Perez, Gn 46.12) até a época de Moisés (Naassom, Ex 6.23; Nm 1.7), enquanto os últimos cinco (Salmom até Davi) pertencem ao período dos primeiros assentamentos em Canaã, até os anos finais dos juízes”.<sup>161</sup>

O quarto capítulo leva a uma conclusão organizada de todos os temas e tendências mostram nos capítulos anteriores.<sup>162</sup> O apêndice genealógico de encerramento acrescenta a informação que nos ajuda a apreciar a grandeza do presente de Deus, do filho Obede, que se tornou ancestral do rei Davi. O apêndice também liga os eventos do Livro de Rute ao passado, bem como ao futuro. Ele o faz mostrando a conexão entre o Livro de Rute e a promessa de Deus de levantar um rei sobre o Seu povo, a partir dos descendentes de Judá.

“Ao longo do livro, o narrador elenca os personagens como modelos estelares de *hesed*, de devoção sincera e profunda a Deus e um ao outro, expressado em atos pessoais de bondade sacrificial uns para com os outros. Na trama, o narrador trançou cuidadosamente marcas da mão providencial de Deus, recompensando aquele que recompensa a piedade autêntica com sua plenitude e cuidado. O nascimento de Obede simboliza a convergência destes dois temas: piedade e providência. Mas o narrador está ciente de que, na providência de Deus, as implicações da fidelidade de aliança de uma pessoa normalmente vão muito além da história imediata. Na realidade, a história de Noemi, Rute e Boaz não se encerra com o nascimento de Obede. Ela, simplesmente, aponta para uma mudança significativa na história desta família e na história de Israel, pelo caminho que leva diretamente ao Rei Davi”.<sup>163</sup>

Boaz, assim como Enoque em Gênesis 5, representou a sétima de dez gerações, e liderou o caminho da sua família rumo à piedade.

<sup>160</sup> Idem, *Kingdom of...*, pág. 184.

<sup>161</sup> Huey, pág. 548.

<sup>162</sup> Veja novamente o diagrama da estrutura do livro nas notas introdutórias do capítulo 1 para visualizar como estas ideias se unem.

<sup>163</sup> Block, pág. 736.

## Conclusão

O Livro de Rute é um segmento importante, embora breve, da revelação bíblica por uma série de motivos:

Primeiro, o livro mostra a fidelidade de Deus ao prover um governante sobre o Seu povo em Davi, conforme Ele prometeu a Judá (Gn 49.10). Conforme a história posterior revela, nem Davi, nem seus filhos, os reis da dinastia davídica, cumpriram tudo o que Deus tinha em mente quando prometeu um governante. O maior filho de Davi, o Messias, fará isso.

Segundo, o livro, situado no período dos juízes, liga as eras patriarcal e monárquica da história de Israel. O patriarca Perez foi o ancestral do rei Davi, não do rei Saul. Esta conexão mostra a legitimidade da dinastia davídica no período monárquico e a ilegitimidade da dinastia de Saul. Semelhantemente, o escritor não ligou Davi com a era Mosaica ou da aliança, mas com a era patriarcal e a Aliança Abraâmica. Isso ajuda o leitor a apreciar o fato de que a dinastia davídica não tinha suas raízes na Aliança Mosaica condicional, mas nas promessas incondicionais aos patriarcas.<sup>164</sup> O Livro de Rute é, assim, uma revelação da providência de Deus.

“...Deus usa a fidelidade de pessoas comuns para realizar grandes coisas”.<sup>165</sup>

Terceiro, o livro revela que Deus utilizará material não promissor para abençoar os outros, se tal pessoa simplesmente confiar e obedecer a Ele. Embora Rute fosse uma moabita, uma viúva sem filhos e pobre, ela se tornou uma verdadeira israelita, especificamente, uma crente em Israel, uma esposa, e mãe, e rica física e espiritualmente. A chave foi a sua fé em e seu compromisso com Yahweh (1.16). Rute não desfrutou apenas das bênçãos de Deus pessoalmente, mas ela se tornou um canal de bênção para todos ao seu redor – e para as gerações futuras. Como tal, ela se tornou um exemplo do que Deus tencionava para toda a nação de Israel: tanto ser abençoada, como ser uma bênção para o mundo. Portanto, a história de Rute também revela a grande graça de Deus. Josefo escreveu:

“Portanto, fui obrigado a relatar a história de Rute, pois queria demonstrar o poder de Deus que, sem dificuldade, é capaz de erguer aqueles de nascimento comum para dignidade e esplendor, para o qual promoveu Davi, embora ele tenha nascido de pais tão desprezíveis”.<sup>166</sup>

À guisa de aplicação, quando comparamos a revelação posterior com o Livro de Rute, podemos ver inúmeros paralelos. Há paralelos com a redenção espiritual que Deus forneceu a nós através do Filho de Davi, Jesus Cristo. O que Boaz fez por Rute, oferecendo a si e sua riqueza para ser o parente resgatador dela, se assemelha muito ao que Jesus Cristo fez pelo objeto do Seu amor: a igreja.

Este pequeno livro é como um pequeno diamante. Cada um dos vários temas lembra uma diferente faceta daquela joia e brilha com sua beleza particular. Quem sabe a mais impressionante faceta seja como Deus opera

---

<sup>164</sup> Para um desenvolvimento maior acerca deste propósito, veja Merrill, “The Book..”, págs. 135-137.

<sup>165</sup> Hubbard, pág. 279.

<sup>166</sup> Flavio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, 5:9:4.

Seus próprios propósitos através da instrumentalidade humana.<sup>167</sup> Outros temas importantes incluem: fome, colheita, descanso, bênção, redenção e descendentes. Todavia, o livro é muito mais do que uma coleção de vários temas. Ele também possui uma unidade, que conduz o leitor suavemente e com antecipação até o seu final.

“As escolhas que fazemos, orientados pelo Espírito Santo de Deus, têm ramificações que vão muito além dos nossos sonhos mais impressionantes”.<sup>168</sup>

---

<sup>167</sup> Veja Hals; Prinsloo, págs. 330-341; e Merrill, “The Book..”, pág. 137, no. 8.

<sup>168</sup> Idem, “Ruth”, pág. 201.

## Bibliografia

- A Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- A Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- A Bíblia Sagrada: Nova Almeida Atualizada. Editora Vida, 2016.
- A Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional. Editora Vida, 2001.
- A Bíblia Sagrada: Nova Versão Transformadora. Editora Mundo Cristão, 2017.
- Aalders, G. C. Daniel. *Koorte Verklaring servies*. The Netherlands: Kampen, 1965.
- Albright, William Foxwell. *Archaeology and the Religion of Israel*. Fifth ed. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1968.
- Ap-Thomas, D. R. "The Book of Ruth". *Expository Times* 79 (Outubro-Setembro 1968):369-373.
- Archer, Gleason L. *Encyclopedia of Bible Difficulties*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1982.
- \_\_\_\_\_. *A Survey of Old Testament Introduction*. Revised ed. Chicago: Moody Press, 1974.
- Atkinson, David. *The Message of Ruth: The Wings of Refuge*. The Bible Speaks Today series. Leicester, England and Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1983.
- Baxter, J. Sidlow. *Explore the Book*. 1960. One vol. ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1980.
- Baylis, Charles P. "Naomi in the Book of Ruth in Light of the Mosaic Covenant". *Bibliotheca Sacra* 161:644 (Outubro-Dezembro 2004):413-431.
- Berkhof, L. *Systematic Theology*. 4th ed. revised and enlarged. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1941, 1959.
- Berlin, A. *Poetics and Interpretation of Biblical Narrative*. Bible and Literature series. Sheffield: Almond, 1983.
- Bess, Herbert. *Systems of Land Tenure in Ancient Israel*. Dissertação de Ph.D. não publicada, University of Michigan, 1963.
- Block, Daniel I. *Judges, Ruth*. The New American Commentary series. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1999.

- Bramer, Stephen J. "Suffering in the Historical Books". Em *Why, O God? Suffering and Disability in the Bible and the Church*, págs. 99-109. Editado por Larry J. Waters e Roy B. Zuck. Wheaton: Crossway, 2011.
- Bright, John. *A History of Israel*. Philadelphia: Westminster Press, 1959.
- Bush, Frederic W. *Ruth, Esther*. Word Biblical Commentary series. Dallas: Word Books, 1996.
- Campbell, E. F., Jr. *Ruth*. Anchor Bible series. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1975.
- Childs, Brevard S. *Introduction to the Old Testament as Scripture*. Philadelphia: Fortress Press, 1979.
- Chisholm, Robert B., Jr. *A Commentary on Judges and Ruth*. Kregel Exegetical Library series. Grand Rapids: Kregel Publications, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Interpreting the Historical Books: An Exegetical Handbook*. Handbooks for Old Testament Exegesis series. Grand Rapids: Kregel Publications, 2006.
- \_\_\_\_\_. "A Rhetorical Use of Point of View in Old Testament Narrative". *Bibliotheca Sacra* 195:636 (Outubro-Dezembro 2002):404-414.
- Constable, Thomas L. "A Theology of Joshua, Judges, and Ruth". Em *A Biblical Theology of the Old Testament*, págs. 89-113. Editado por Roy B. Zuck. Chicago: Moody Press, 1991.
- Darby, John Nelson. *Synopsis of the Books of the Bible*. Edição revisada de 5 volumes. New York: Loizeaux Brothers Publishers, 1942.
- Davies, E. W. "Ruth 4:5 and the Duties of the go'el". *Vetus Testamentum* 33 (1983):231-234.
- Davis, John J., and John C. Whitcomb. *A History of Israel*. Nova impressão. Grand Rapids: Baker Book House, 1980.
- de Vaux, Roland. *Ancient Israel: Its Life and Institutions*. Traduzido por John McHugh. New York: McGraw-Hill, 1961.
- Dyer, Charles H., e Eugene H. Merrill. *The Old Testament Explorer*. Nashville: Word Publishing, 2001. Reimpresso como *Nelson's Old Testament Survey*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2001.
- Eichrodt, Walther. *Theology of the Old Testament*. 5th ed. Revisada. 2 volumes. Traduzido por John A. Baker. The Old Testament Library series. Philadelphia: Westminster Press, 1961 and 1967.
- Fewell, Danna Nolan, and David Miller Gunn. *Compromising Redemption: Relating Characters in the Book of Ruth*. Literary Currents in Biblical Interpretation series. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1990.

- Fisch, Harold. "Ruth and the Structure of Covenant History". *Vetus Testamentum* 32:4 (1982):425-437.
- Fuerst, W. *The Books of Ruth, Esther, Ecclesiastes, the Song of Songs, Lamentations*. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1975.
- Gaebelein, Arno C. *The Annotated Bible*. 4 volumes. Reimpressão. Chicago: Moody Press, and New York: Loizeaux Brothers, Inc., 1970.
- Gardiner, George E. *The Romance of Ruth*. Grand Rapids: Kregel Publications, 1977.
- Gottwald, Norman. *The Hebrew Bible—A Socio-Literary Introduction*. Reimpressão. Philadelphia: Fortress Press, 1985.
- Grant, Reg. "Literary Structure in the Book of Ruth". *Bibliotheca Sacra* 148:592 (Outubro-Dezembro 1991):424-441.
- Gray, John. *Joshua, Judges and Ruth*. New Century Bible Commentary series. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., and Basingstoke, England: Marshall Morgan and Scott Publications, 1986.
- Green, Barbara. "The Plot of the Biblical Story of Ruth". *Journal for the Study of the Old Testament* 23 (Julho 1982):55-68.
- Hals, Ronald. *The Theology of the Book of Ruth*. Philadelphia: Fortress Press, 1969.
- Hanna, Kenneth G. *From Moses to Malachi: Exploring the Old Testament*. 2nd ed. Editado por Roy B. Zuck. Bloomington, Ind.: CrossBooks, 2014.
- Harbin, Michael A. "Social Justice for Social Outliers in Ancient Israel, Part 1: Cultural Background". *Journal of the Evangelical Theological Society* 64:3 (Setembro 2021):471-494.
- \_\_\_\_\_. "Social Justice for Social Outliers in Ancient Israel, Part 2: Provision for Widows, Orphans, and Resident Aliens", *Journal of the Evangelical Theological Society* 64:4 (Dezembro 2021):681-701.
- Harrison, R. K. *Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1969.
- Harton, George M. "Fulfillment of Deuteronomy 28—30 in History and in Eschatology". Dissertação de Th.D., Dallas Theological Seminary, 1981.
- Henry, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*. Edição de volume único. Editada por Leslie F. Church. Grand Rapids: Zondervan Publishing Co., 1961.
- Hongisto, Lief. "Literary Structure and Theology in the Book of Ruth". *Andrews University Seminary Studies*

- 23:1 (Primavera 1985):19-28.
- Howard, David M., Jr. *An Introduction to the Old Testament Historical Books*. Chicago: Moody Press, 1993.
- Hubbard, Robert L., Jr. *The Book of Ruth*. New International Commentary on the Old Testament series. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988.
- Huey, F. B., Jr. "Ruth". Em *Deuteronomy-2 Samuel*. Vol. 3 do *The Expositor's Bible Commentary*. 12 volumes. Editado por Frank E. Gaebelain e Richard P. Polcyn. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1992.
- Jackson, Justin. "The One Who Returned: A Retrospective and Prospective Reading of Ruth". *Journal of the Evangelical Theological Society* 63:3 (Setembro 2020):435-454.
- Jacob, Edmond. *Theology of the Old Testament*. Traduzido por Arthur W. Heathcote e Philip J. Allcock. New York and Evanston, Ill.: Harper & Row, 1958.
- Jamieson, Robert; A. R. Fausset; e David Brown. *Commentary Practical and Explanatory on the Whole Bible*. Reimpressão. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1961.
- Josefo, Flavio. *As Obras de Flavio Josefo*. Traduzido por William Whiston. London: T. Nelson and Sons, 1866; Reimpressão. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1988.
- Kaiser, Walter C., Jr. *Toward an Old Testament Theology*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1978.
- Keil, C. F., e Franz Delitzsch. *Joshua, Judges, Ruth*. Traduzido por James Martin. Biblical Commentary on the Old Testament. Reimpressão. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., n. d.
- Kruger, P. A. "The Hem of the Garment in Marriage: The Meaning of the Symbolic Gesture in Ruth 3:9 and Ezek 16:8". *Journal of Northwest Semitic Languages* 12 (1984):86.
- Lacheman, Ernest R. "Note on Ruth 4:7-8" *Journal of Biblical Literature* 56 (1937):53-56.
- Lange, John Peter, ed. *A Commentary on the Holy Scriptures*. 12 volumes. Reimpressão. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960. Vol. 2: *Numbers-Ruth*, por John Peter Lange, William J. Schroeder, F. R. Fay, e Paulus Cassel. Traduzido por Samuel T. Lowrie, A. Gosman, George R. Bliss, e P. H. Steenstra.
- Leggett, Donald A. *The Levirate and Goel Institutions in the Old Testament with Special Attention to the Book of Ruth*. Cherry Hill, N.J.: Mack Publishing Co., 1974.
- Lewis, Arthur H. *Judges and Ruth*. Everyman's Bible Commentary series. Chicago: Moody Press, 1979.

Longman, Tremper, III e Raymond B. Dillard. *An Introduction to the Old Testament*. 2nd ed. Grand Rapids: Zondervan, 2006.

Loretz, Oswald. "The Theme of the Ruth Story". *Catholic Biblical Quarterly* 22 (1960):391-399.

Luter, A. Boyd, and Richard O. Rigsby. "An Adjusted Symmetrical Structuring of Ruth". *Journal of the Evangelical Theological Society* 39:1 (Março 1996):15-28.

Manor, Dale W. "A Brief History of Levirate Marriage As It Relates to the Bible". *Near East Archaeological Society Bulletin* NS20 (Outono 1982):33-52.

McGee, J. Vernon. "Redemption in the Book of Ruth". Dissertação de Th.D., Dallas Theological Seminary, 1940.

\_\_\_\_\_. *Ruth: The Romance of Redemption*. 1943. Reprint ed. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1981.

\_\_\_\_\_. *Thru the Bible with J. Vernon McGee*. 5 volumes. Pasadena, Calif.: Thru The Bible Radio; and Nashville: Thomas Nelson, Inc., 1983.

Merrill, Eugene H. "The Book of Ruth: Narration and Shared Themes". *Bibliotheca Sacra* 142:566 (Abril-Junho 1985):130-141.

\_\_\_\_\_. *Kingdom of Priests*. Grand Rapids: Baker Book House, 1987.

Morgan, G. Campbell. *An Exposition of the Whole Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1959.

\_\_\_\_\_. *Living Messages of the Books of the Bible*. 2 volumes. New York: Fleming H. Revell Co., 1912.

\_\_\_\_\_. *The Unfolding Message of the Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1961.

Morris, Leon. "Ruth". Em *Judges and Ruth* por Arthur E. Cundall e Leon Morris. Tyndale Old Testament Commentaries series. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1968.

Myers, Jacob M. *The Linguistic and Literary Form of the Book of Ruth*. Leiden, Netherlands: E. J. Brill, 1955.

*The Nelson Study Bible*. Editado por Earl D. Radmacher. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997.

*The NET2 (New English Translation) Bible*. N.c.: Biblical Press Foundation, 2019.

*The New Bible Dictionary*. Editado por J. D. Douglas. 1962 ed. S.v. "Marriage", por J. S. Wright e J. A. Thompson, págs. 786-791.

*The New English Bible with the Apocrypha*. N.c.: Oxford University Press and Cambridge University Press. 1970.

- Payne, J. Barton. *The Theology of the Older Testament*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1962.
- Pfeiffer, Charles F. "Ruth". Em *The Wycliffe Bible Commentary*, págs. 267-272. Editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.
- Porten, B. "The Scroll of Ruth: A Rhetorical Study". *Gratz College Annual* 7 (1978):23-49.
- Prinsloo, W. S. "The Theology of the Book of Ruth". *Vetus Testamentum* 30:3 (Julho 1980):330-341.
- Rebera, B. "Yahweh or Boaz? Ruth 2:20 Reconsidered". *The Bible Translator* 36 (1985):317-327.
- Reed, John W. "Ruth". Em *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*, págs. 415-429. Editado por John F. Walvoord e Roy B. Zuck. Wheaton: Scripture Press Publications, Victor Books, 1985.
- Robertson, E. "The Plot of the Book of Ruth". *Bulletin of the John Rylands Library* 32 (1950):207-228.
- Ross, Allen P. "The Daughters of Lot and the Daughter-in-Law of Judah: Hubris or Faith in the Struggle for Women's Rights". *Exegesis and Exposition* 2:1 (Verão 1987):71-82.
- Rowley, H. H. "The Marriage of Ruth". Em *The Servant of the Lord*, págs. 171-194. 1952. Second ed. revised. Oxford: Basil Blackwell, 1965.
- Sacon, K. "The Book of Ruth—Its Literary Structure and Themes". *Annual of the Japanese Biblical Institute* 4 (1978):3-22.
- Sasson, Jack. "The Issue of Ge'ullah in Ruth". *Journal for the Study of the Old Testament* 5 (Janeiro 1978):52-64.
- Speiser, E. A. "Of Shoes and Shekels". *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 77 (Fevereiro 1940):17.
- Swindoll, Charles R. *The Swindoll Study Bible*. Carol Stream, Ill.: Tyndale House Publishers, 2017.
- Thompson, J. A. *Deuteronomy*. Tyndale Old Testament Commentaries series. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1974.
- Thomson, W. M. *The Land and the Book*. 2 volumes. New York: Harper & Brothers Publishers, 1873.
- Trible, P. *God and the Rhetoric of Sexuality*. Philadelphia: Fortress Press, 1978.
- \_\_\_\_\_. "Two Women in a Man's World: A Reading of the Book of Ruth". *Soundings* 59 (1976):252-279.
- von Rad, Gerhard. *Old Testament Theology*. 2 volumes. Traduzido por D. M. G. Stalker. New York and

Evanston, Ill.: Harper & Row, 1962 and 1965.

Waltke, Bruce K. *An Old Testament Theology*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2007.

Wiersbe, Warren W. *The Bible Exposition Commentary/History*. Colorado Springs, Colo.: Cook Communications Ministries, 2003.

Wood, Leon. *Distressing Days of the Judges*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1975.

\_\_\_\_\_. *A Survey of Israel's History*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1970.